



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**Aspectos da Organização Social: um estudo cerâmico e espacial dos
sítios Rosa e dos Teto, Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas**

Roberto Luiz Quintella Tenório

RECIFE, 2010

ROBERTO LUIZ QUINTELLA TENÓRIO

**Aspectos da Organização Social: um estudo cerâmico e espacial dos
sítios Rosa e dos Teto, Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Arqueologia da Universidade
Federal de Pernambuco, submetida
à aprovação como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre
em Arqueologia.

Orientador: Scott Joseph Allen, Ph.D.

RECIFE, 2010

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

T311a Tenório, Roberto Luiz Quintella.
Aspectos da Organização Social : um estudo cerâmico e espacial dos
sítios Rosa e dos Teto, Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas /
Roberto Luiz Quintella Tenório. – Recife: O autor, 2010.
77 f. : il., 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Scott Joseph Allen.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2010.
Inclui bibliografia.

1. Arqueologia - Pesquisa. 2. Arqueologia social. 3. Sítios
Arqueológicos - União dos Palmares (AL). 4. Material cerâmico. I. Allen,
Scott Joseph (Orientador). II. Título.

930.1 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-64)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

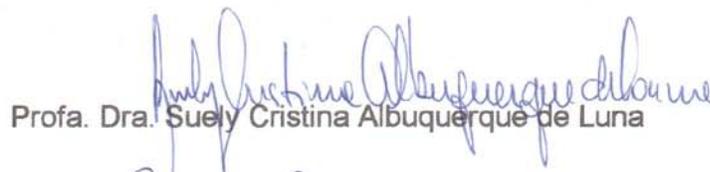
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO ROBERTO LUIZ QUINTELLA TENORIO

Às 15 horas do dia 31 (trinta e um) de agosto de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Roberto Luiz Quintella Tenorio** intitulada "*Aspectos da Organização Social: um estudo cerâmico e espacial do sítio Rosa e sítio dos Teto, Serra da Barriga, União dos Palmares-AL*", sob a orientação do **Prof. Dr. Scott Joseph Allen**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**Em exigência**", em resultado à atribuição dos conceitos das professoras: **Bartira Ferraz Barbosa**, **Daniela Cisneiros Silva** e **Suely Cristina Albuquerque de Luna**. Assinam também a presente ata, o Coordenador, Prof. Ricardo Pinto de Medeiros e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 31 de agosto de 2010


Prof. Dra. Bartira Ferraz Barbosa


Prof. Dra. Daniela Cisneiros Silva


Prof. Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna


Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros


Luciane Costa Borba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer ao NEPA/UFAL por disponibilizar equipamentos e recursos para a realização dessa pesquisa.

Agradeço a minha família, Silvana (minha mãe), Sofia (minha avó) e em especial a Joaquim (ex-padrasto e pai por consideração) por ter me acolhido com todo carinho em Pernambuco. Entre outros parentes que contribuíram de forma fundamental na minha formação.

Agradeço a minha nova família, que me recebeu de braços abertos, em especial a dona Regia (sogra), seu Paulo (sogro) e ao Rick (primo da minha esposa).

O meu agradecimento especial a Sâmara (minha esposa), a quem amo muito e que me apoiou e incentivou, não só à execução deste trabalho, também como uma companheira compreensiva e fabulosa que acredita e incentiva meus sonhos.

Aos meus amigos de Arapiraca, Marcos, Magna, Simone e Elicarlos pelo apoio moral e motivação.

Ao meu orientador, Dr. Scott Allen que me apresentou á arqueologia e me acompanha e orienta desde o início da minha vida acadêmica, inclusive sendo meu primeiro chefe.

Agradeço também aos meus amigos que fizeram parte do nascimento do NEPA/UFAL, em especial a Iracilda, Karina e Daniel. Como também agradeço às pessoas que passaram pelo NEPA e deixaram sua contribuição, não só para a arqueologia alagoana, mas para minha vida.

Agradeço aos que atualmente fazem parte do NEPA, em especial ao João e a Luany, que contribuíram não só com a limpeza e marcação dos artefatos utilizados nesse trabalho, mas também como voluntários nos trabalho de campo no sítio Rosa.

Aos meus professores da pós-graduação em arqueologia, em especial ao Dr. Ricardo Pinto pela paciência e pelas conversas e a Dr. Cláudia Oliveira por ter me ensinado a classificar cerâmica.

À secretária da Pós-graduação em Arqueologia Luciane Borba, por sempre ser tão prestativa e atenciosa.

Aos meus colegas do mestrado que em meio aos debates contribuíram, fundamentalmente, na minha formação.

Ao CNPq pelo apoio financeiro, que permitiu uma dedicação intensiva ao desenvolvimento da dissertação.

Agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente na realização desse trabalho.

Resumo

Aspectos da Organização Social: um estudo cerâmico e espacial dos sítios Rosa e Sítio dos Teto.

No decorrer do projeto “Arqueologia da Região Serrana dos Quilombos”, desenvolvido no município de União dos Palmares, Alagoas, em 2009, foram localizados dois sítios próximos e com material cerâmico semelhante: o Sítio Rosa e Sítio dos Teto. Apesar das semelhanças, a cultura material encontrada e o contexto dos dois sítios apresentam diferenças significativas, sendo o Sítio Rosa mais diverso e o Sítio dos Teto mais homogêneo. Assim, a proposta desse trabalho é avançar numa interpretação do contexto arqueológico apresentado nestes dois sítios, buscando para isso um arcabouço no registro etnográfico e histórico.

Para viabilizar a construção de analogias, foram tomados elementos essenciais, não só da cultura material, mas também a organização social e sua lógica. A separação entre os espaços de moradia e sagrado verificado, principalmente, no contexto Kariri-Xocó de Porto Real do Colégio – Alagoas, tomado enquanto elemento essencial permite um paralelo etnográfico plausível, tendo em vista o contexto arqueológico dos sítios.

Como elemento de análise foi escolhido a cerâmica, devido a sua ocorrência nos dois sítios, permitindo assim subsídios para comparação. A partir da análise foi possível argumentar que o sítio Rosa foi um espaço de moradia, enquanto que o sítio dos Teto era utilizado como espaço sagrado.

Palavras Chaves: Cerâmica, Analogia, Organização Social, Alagoas, Serra da Barriga

Abstract

Social Organization Aspects: a ceramic's and spatial's study of the Rosa's and Teto's sites

During the project, "*Arqueologia da Região Serrana dos Quilombos*", developed in the city of União dos Palmares, Alagoas, in 2009, were located and two nearby sites with similar ceramic material: the Rosa's site and the Teto's site. Despite the similarities, material culture and the context found the two sites have significant differences, being the most diverse and Rosa's Site and Teto's site more homogeneous. Thus, the purpose of this study is to advance an interpretation of reality presented in these two archaeological sites, searching for a framework in this ethnographic and historical record.

To enable the construction of analogies, key elements were taken not only of material culture, but also the social organization and its logic. The separation between the living place and sacred place, mainly, in the context Kariri Xocó em Porto-Real do Colegio - Alagoas, taken as an essential element allows a parallel ethnographic plausible in view of the archaeological context of the sites.

As part of the pottery analysis was chosen due to its occurrence in the two sites, thus allowing subsidies for comparison. From the analysis it was possible to argue that the Rosa's site was a housing space, while the Teto's site was used as sacred space.

Keywords: Ceramics, Analogy, Social Organization, Alagoas, Serra da Barriga

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Microrregião Serrana dos Quilombos.....	pág 14
Figura 2	– Localização da Serra da Barriga ao Noroeste da cidade de União dos Palmares	pág 15
Figura 3	– Vista aérea da Serra da Barriga	pág 17
Figura 4	– Sítio SB1	pág 19
Figura 5	– Croqui do sítio SB1.....	pág 20
Figura 6	– SB1: Escavação da área G	pág 22
Figura 7	– Sítio Rosa	pág 23
Figura 8	– Localização do Sítio Rosa e dos Teto	pág 25
Figura 9	– Mapa de curva de nível da área dos sítios.....	pág 39
Figura 10	– Sítio dos Teto	pág 40
Figura 11	– Perfil estratigráfico do sítio dos Teto.....	pág 41
Figura 12	– Perfil estratigráfico do sítio Rosa.....	pág 44
Figura 13	– Coleta do material arqueológico em superfície	pág 46
Figura 14	– Local onde foram encontradas as vasilhas.....	pág 48
Figura 15	– Vasilhas encontradas por trabalhadores rurais no sítio Rosa.....	pág 48
Figura 16	– Material cerâmico – sítio Rosa.....	pág 50
Figura 17	– Material cerâmico – sítio dos Teto.....	pág 51
Figura 18	– Configuração Pasta 1	pág 56
Figura 19	– Configuração Pasta 2	pág 57
Figura 20	– Configuração Pasta 3	pág 58
Figura 21	– Tratamento de superfície alisado	pág 61
Figura 22	– Tratamento de superfície unglado	pág 62
Figura 23	– Tratamento de superfície pintado	pág 63
Figura 24	– Corpo de borda direta	pág 65
Figura 25	– Corpo de borda reforçada	pág 66
Figura 26	– Corpo de borda expandida	pág 66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Fragmento por pasta	pág 58
Gráfico 2	– Sítio dos Teto – Espessura	pág 60
Gráfico 3	– Tratamentos de Superfície	pág 64
Gráfico 4	– Tipo de corpo de borda pasta 1	pág 67
Gráfico 5	– Tipo de corpo de borda pasta 2	pág 67
Gráfico 6	– Tipo de corpo de borda pasta 3	pág 68
Gráfico 7	– Tipo de lábio de borda pasta 1	pág 69
Gráfico 8	– Tipo de lábio de borda pasta 2	pág 70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ARQUEOLOGIA DA REGIÃO SERRANA DOS QUILOMBOS	17
1.1. O Início da Arqueologia na Serra da Barriga	17
1.2. A Arqueologia no Sítio SB1	18
1.3. Transcendendo a Área Tombada.....	23
2. O PROBLEMA E A BASE CONCEITUAL-METODOLÓGICA	27
2.1 . O Problema	27
2.2 Uma Proposta de Paralelo Etnográfico	28
2.3. Base Conceitual-Metodológica	36
3. O TRABALHO DE CAMPO	39
3.1. Sítio dos Teto	39
3.1.1. Área de Estudo	39
3.1.2. Metodologia de Campo	42
3.1.2.1 Coleta de Superfície	42
3.1.2.2. Sondagens	43
3.2. Sítio Rosa	43
3.2.1. Área de Estudo	43
3.2.2. Metodologia de Campo	44
3.2.3. Resultados do Trabalho de Campo	47
4. ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS MATERIAIS	49
4.1. Metodologia para Análise da Cerâmica	49
4.1.1. Análise dos Fragmentos e os Atributos Seleccionados.....	51
4.2.1.1 Pasta	52
4.1.1.2 Espessura.....	53
4.1.1.3 Tratamento de Superfície.....	54

4.1.1.4 Bordas.....	55
4.2. Resultados da Análise da Cerâmica.....	55
4.2.1. Configuração da Pasta.....	56
4.2.2 Espessura	59
4.2.3. Tratamento de Superfície.....	61
4.2.4. Borda	65
4.3 Síntese da Análise.....	71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

A arqueologia na Serra da Barriga, a partir das duas últimas décadas, tem implementado uma outra visão – antes ofuscada pela expectativa de apenas uma ocupação quilombola –, o indígena. A ocupação indígena da Serra da Barriga não se deu em um único momento, há indícios, encontrados nos sítios arqueológicos da área, que sugerem a presença de pelo menos dois grupos sociais.

A Serra da Barriga (figura 2) está situada na zona da mata do Estado de Alagoas, na Microrregião Serrana dos Quilombos (figura 1), no município de União dos Palmares. Ela é formada por rochas metamórficas (CRPM, 2005) e acolhida no lado leste pelo rio Mundaú. Apresenta uma vegetação bem diversificada, além de trechos de mata atlântica, em sua maioria na área tombada. Devido à fertilidade¹ de suas terras, nesta serra existe o cultivo de frutas e raízes, incluindo laranjais, bananais, assim como a plantação de macaxeira, mandioca e batata doce. Enfim, a Serra da Barriga fornece subsídios bastante atrativos para a ocupação humana e isso é refletido na cultura material dos sítios encontrados.

O presente trabalho se propõe a estudar dois sítios desse cenário: o Rosa e o dos Teto. Estes sítios são bem próximos um do outro, apenas 800 metros² os separam. O estudo tomará os dados históricos e etnográficos da região para estabelecer uma analogia que permita uma interpretação do contexto arqueológico apresentado nos dois sítios. Por meio de um paralelo, entre os dados etnográficos e os dados arqueológicos, sendo este último fundamentado na análise da cerâmica, será possível avançar numa interpretação dessa realidade, objetivando alcançar alguns aspectos da organização social.

¹ Algumas vezes gerada por evidências arqueológicas, como é o caso do sítio SB1 (para maiores detalhes ver capítulo 1)

² Valor aproximado

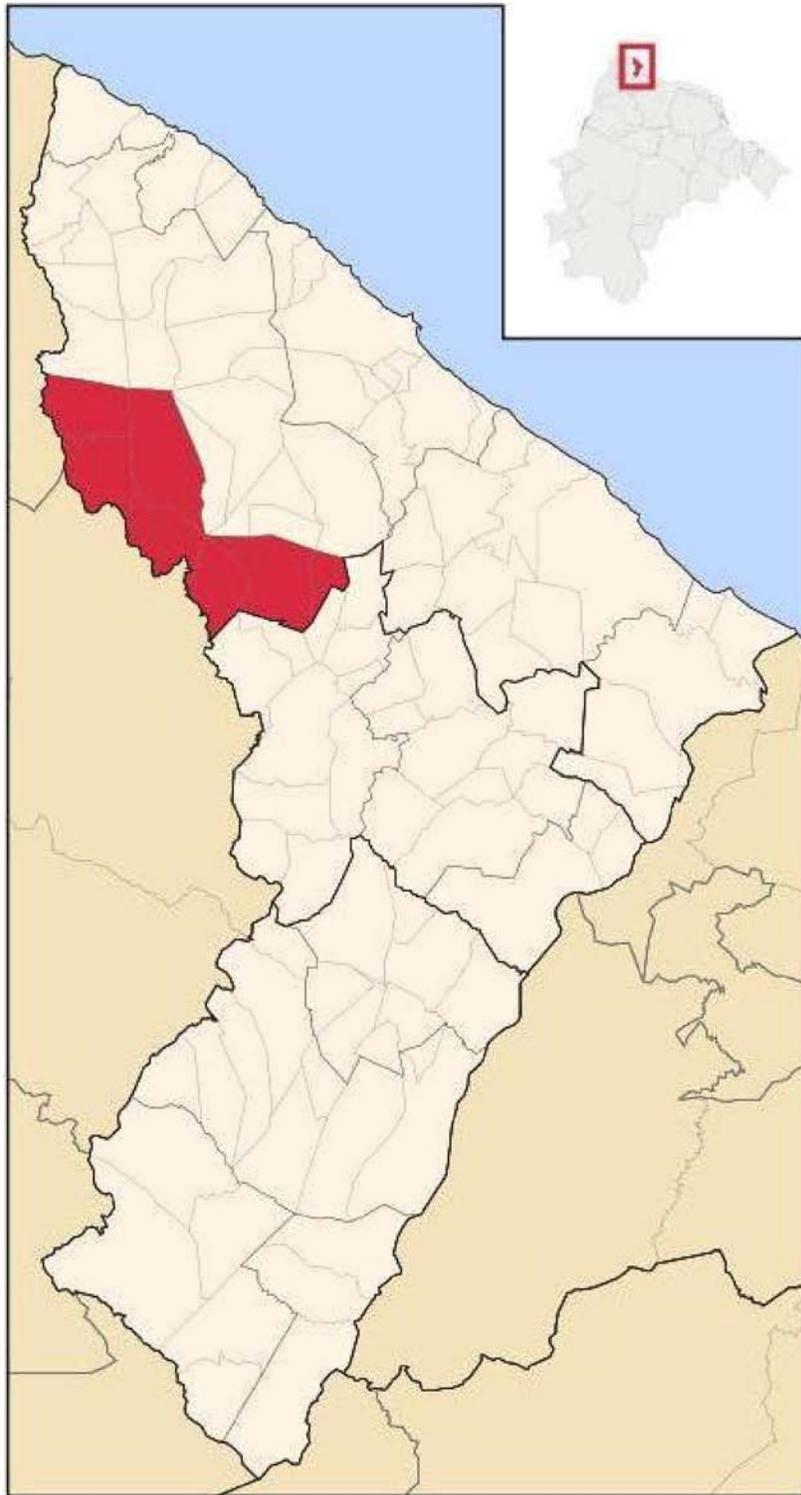


Figura 1 – Microrregião Serrana dos Quilombos

Fonte: Wikipédia



Figura 2 – Localização da Serra da Barriga ao Noroeste da cidade de União dos Palmares
Fonte: NEPA

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo foi feito um levantamento das pesquisas arqueológicas na Serra da Barriga e teve como foco os resultados obtidos, incluindo os debates e interpretações acerca desse contexto arqueológico, sendo de fundamental importância a utilização desses dados como parâmetro para o reconhecimento dos sítios dessa Serra, bem como a sequência metodológica que permitiu encontrar os sítios trabalhados.

O segundo capítulo trata do surgimento e da delimitação do problema, dos conceitos e dos métodos que nortearam a elaboração da hipótese e que, conseqüentemente, também direcionaram a análise dos espaços dos dois sítios, assim como do material cerâmico. O terceiro capítulo, além de descrever os métodos e as técnicas empregadas em campo, relata os resultados obtidos, englobando o universo de evidências arqueológicas, o comportamento da estratigrafia, bem como revelando os processos de formação e transformação mostrando assim o potencial e as limitações impostas pela realidade dos sítios.

O quarto capítulo aborda não só os procedimentos de análise dos artefatos cerâmicos, mas também os conceitos que contribuíram para a escolha destes. Ainda no capítulo 4, são apresentados os dados obtidos das análises, todos organizados de forma que permitam contribuir no debate acerca da hipótese proposta.

No quinto capítulo foi feita a discussão dos resultados diante a hipótese, a qual é explorada enquanto fio condutor para interpretações dos dados e gerar novas questões

para refletir o contexto arqueológico trabalhado, assim como novos caminhos científicos para aprofundar no conhecimento desse contexto arqueológico.

CAPÍTULO I

ARQUEOLOGIA DA REGIÃO SERRANA DOS QUILOMBOS

1.1 O Início da Arqueologia na Serra da Barriga

A Serra da Barriga (ver figura 3), local que supostamente foi cenário do maior quilombo das Américas, tornou-se, na segunda metade do século XX, um símbolo internacional da luta pela liberdade. O local, que tem sido usado durante anos para a comemoração do *Dia da Consciência Negra*, tem sofrido, a cada ano, impactos arqueológicos com os preparativos do evento.



Figura 3 – Vista aérea da Serra da Barriga
Fonte: NEPA

O estudo arqueológico na Serra da Barriga iniciou-se em 1992³, com o *Projeto Arqueológico Palmares*, desenvolvido pelos professores Pedro Funari e Charles Orser. O intuito dessa primeira investida arqueológica objetivava averiguar se a Serra, enquanto cenário do maior dos quilombos americanos, possuía potencial arqueológico para estudos profundos sobre Palmares. O trabalho de campo desse projeto foi realizado em duas campanhas, uma realizada em 1992, tendo duração de duas semanas; e outra em 1993, tendo uma semana de duração. Como resultado das campanhas foram localizados 14 sítios arqueológicos⁴, sendo recolhidos cerca de 3.000 artefatos, em sua maioria cerâmica. [(ALLEN, 2006c) para discussão mais atualizada ver ALLEN 2010].

A perspectiva do *Projeto Arqueológico Palmares* de que os artefatos encontrados na Serra da Barriga seriam atribuídos a ocupação Palmarina sobrepujou-se ao contexto das evidências pré-históricas já conhecidas no nordeste do Brasil (ver Martin, 1998). Tendo em vista que em 1996/97 Allen, em seu trabalho de pré-doutoramento, verificou a possibilidade de uma intensa ocupação indígena. Ele chegou a essa conclusão, baseando-se nos estudos arqueológicos no nordeste brasileiro, e verificou que o contexto arqueológico encontrado remetia a uma ocupação relacionada a tradição Aratu. Para estabelecer esta relação foi tomado como indícios as práticas funerárias, com enterramentos primários e secundários em urnas piriformes, assim como manchas de terra preta (ALLEN, 2006c).

1.2 A Arqueologia no Sítio SB1

O sítio SB1 (figura 4) foi uma das áreas principais da intervenção do *Projeto Arqueológico Palmares*, este sítio foi posteriormente delimitado e nomeado por Allen. As pesquisas arqueológicas no SB1 foram retomadas em 2005, com o projeto intitulado *Resgate de Palmares: Preservação e Estudo do Patrimônio Arqueológico da Serra da Barriga*, visando salvaguardar ou pelo menos recuperar parte do registro arqueológico

³ Apesar de existirem informações de pesquisadores que visitaram a Serra da Barriga em anos anteriores.

⁴ É importante ressaltar que foram considerados como sítios arqueológicos, áreas de concentração de artefatos (Allen, 2006c).

que não se perdeu ao longo dos anos, nos períodos de festividades do dia 20 de novembro.



Figura 4 – Sítio SB1
Fonte: NEPA

Um dos resultados do projeto citado acima foi a divisão do sítio SB1 em áreas distintas. Para isso foi tomado como critério o nível de preservação das áreas, buscando interpretar os processos de transformação culturais (terraaplenagem e depósito do material terraaplenado); assim como as especificidades do sítio, levando em conta os locais onde o solo é diferenciado. O sítio foi dividido em sete áreas (figura 5), sendo a área A a que sofreu maior impacto, onde não restou quase nenhuma evidência arqueológica, já as áreas C, D e E, foram formadas pelas sobras da terraaplenagem e as áreas (B, F e G), que apresentam impactos menores apenas do cultivo de laranja (área B), da mandioca (áreas F e G) e possuem solo diferenciado.

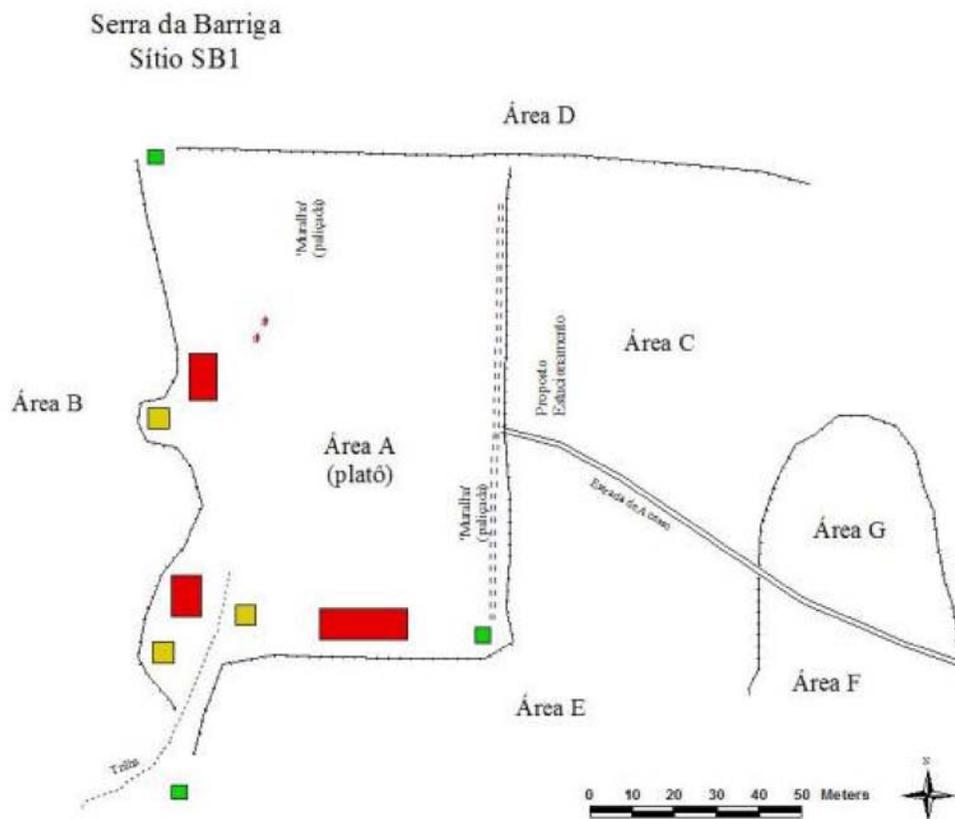


Figura 5 – Sítio SB1
Fonte: ALLEN, 2006c

Outro objetivo do projeto foi o salvamento de parte da área C, que serviria como estacionamento para os visitantes. Após a escavação dessa área ficou mais evidente a ocupação indígena neste sítio, como também o processo de transformações culturais sofridas nos últimos anos. Nesta campanha foram encontrados materiais líticos: lascados e polidos; artefatos cerâmicos sem decoração, com o tratamento de superfície alisado, incluindo duas urnas funerárias. Também foi escavado um possível forno de argila, assim como sobra de matéria prima argilosa não utilizada (ALLEN, 2005). Apesar do salvamento de parte da área C, foi recomendado, face das evidências encontradas e dos impactos ocorridos em outras áreas, a construção de uma cerca ao longo da estrada de acesso, a fim de impedir o tráfego de veículos, interrompendo assim a sequência de impactos ocorridos ao longo dos anos. Em consequência disso, foi escolhido outro local

como estacionamento e a partir dos resultados dessa pesquisa foi possível estabelecer um melhor planejamento.

Em 2006, foi aberto mais um capítulo na Arqueologia da Serra da Barriga, pois a finalidade da escavação estava novamente orientada por problemas científicos. A escavação foi realizada numa área do sítio onde a densidade e a diversidade da cultura material era visivelmente aparente (área G) (figura 6). Esta área possui solo diferenciado, mais escuro e uma camada orgânica bem espessa, tendo em média 40-50 cm de profundidade (tomando a superfície como referência), foi constatado, inclusive, evidências da presença humana nessa profundidade (ALLEN, 2006b). A grande espessura desta camada possibilitou o recolhimento de material arqueológico em contexto, tendo em vista que o cultivo da mandioca tem o impacto nos primeiros 40 cm. O material arqueológico encontrado nesta área estava em densidade e muito diverso. Foram encontrados ossos de animais (principalmente tatu), cachimbos, pequenos vasilhames cerâmicos sem decoração, machados em arenito e granito polidos, tembetá, entre outros. No total foram coletados 23.376 artefatos (ALLEN, 2006b). Esse estudo tornou-se viável financeiramente, através dos recursos para a construção do Parque Memorial Quilombo dos Palmares que contemplava a pesquisa arqueológica.



Figura 6 – SB1: Escavação da área G
Fonte: NEPA

Parte dos artefatos obtidos na área G foram analisados por Rodrigo Lessa e apresentados em sua dissertação. Ele fez uma classificação dos artefatos cerâmicos levando em conta as características da pasta, dureza, tratamentos de superfície assim como a forma e função (para maior detalhamento ver LESSA 2010).

No ano de 2007, após a delimitação da área⁵ para a construção do Parque, fez-se necessário o acompanhamento da obra, bem como o salvamento arqueológico do local onde seria construído o banheiro do Parque (área B). Durante o salvamento, foram encontrados um cachimbo, duas urnas funerárias, materiais líticos lascados e cerâmica sem decoração.

Em 2008, as pesquisas se restringiram à análise e processamento laboratoriais das evidências obtidas nos anos anteriores. Em 2009 foi dado início ao projeto denominado

⁵ A área delimitada para a construção do parque foi a mesma que ao longo dos anos sofreu com a terraplenagem do preparativo da festa, ou seja, esta área já tinha perdido todas as evidências arqueológicas, a superfície é formada pela camada estéril.

“*Arqueologia Regional da Serrana dos Quilombos*” que tem como objetivos: a localização de sítios arqueológicos no entorno da Serra da Barriga, aprofundar os estudos no sítio SB1 e caracterizar novos sítios encontrados.

1.3 Transcendendo a Área Tombada

Durante a etapa de localização e reconhecimento, foram localizados e mapeados nove sítios arqueológicos, dentre estes estão o Sítio dos Teto e o Sítio Rosa (figura 7). Esses últimos, objetos desse trabalho, estão localizados na Serra da Barriga, fora da área tombada⁶.



Figura 7 – Sítio Rosa; Fonte: NEPA

⁶ Uma parte da Serra da Barriga é tombada como sítio histórico nacional

O sítio arqueológico Rosa foi localizado na Chácara Recanto, próximo ao limite sudeste da área tombada da Serra da Barriga. O trabalho de campo compreendeu prospecções visuais sistemáticas, seguidas da coleta de material em superfície e de poços testes. Foram encontrados fragmentos de cerâmica, em sua maioria com tratamento de superfície alisado e materiais líticos.

O sítio arqueológico dos Teto, que está localizado a aproximadamente 800 metros a sudeste do sítio Rosa (ver figura 8), foi contemplado nesta campanha com uma semana de escavação, que teve como finalidade caracterizá-lo. Neste sítio foram mapeados em superfície mais de 900 artefatos cerâmicos, dentre eles verificam-se alguns com tratamento de superfície unglado, como também bordas diretas e reforçadas.

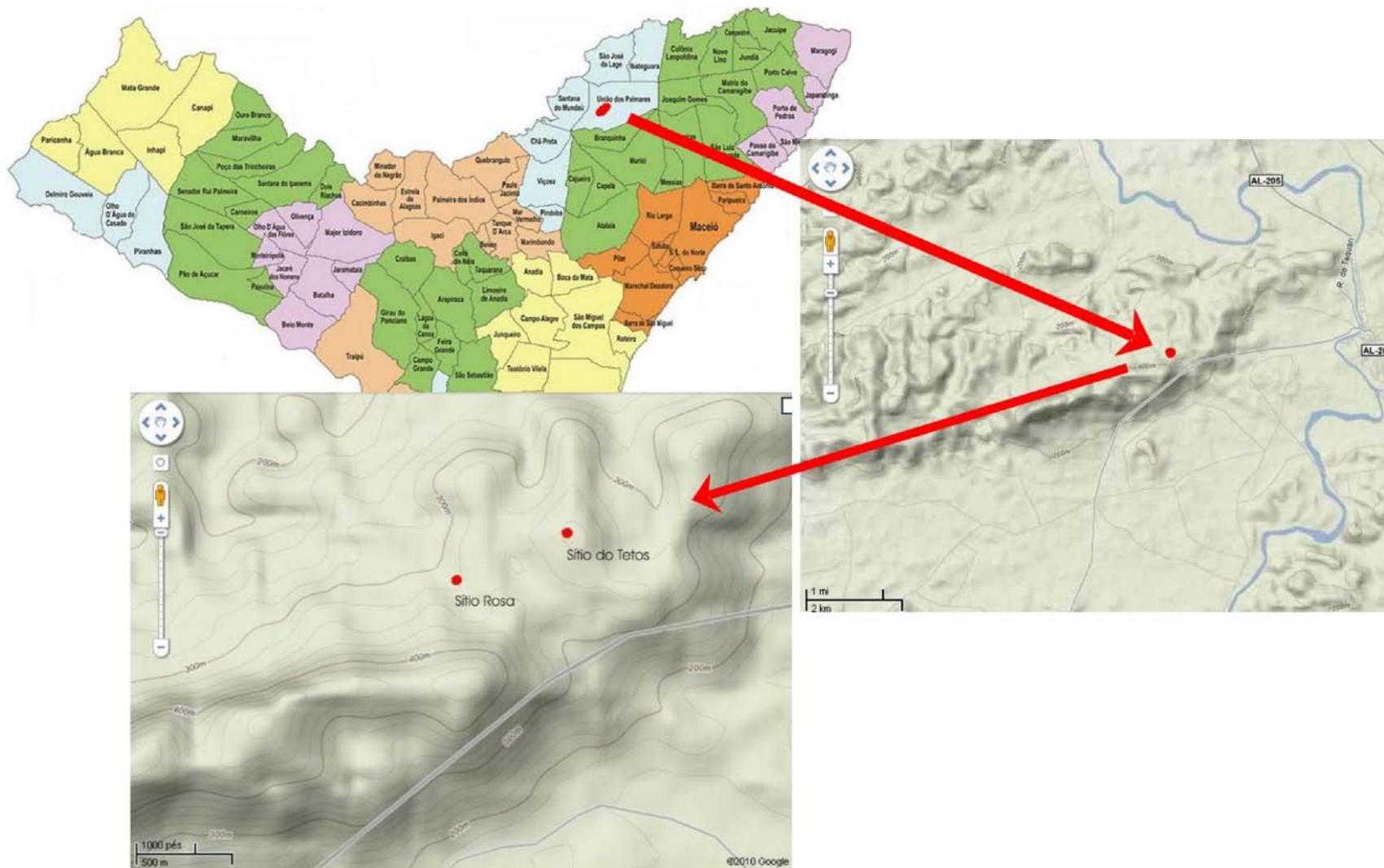


Figura 8 – Localização dos sítios Rosa e dos Teto – fonte: Adaptado do Google Maps

A proximidade dos sítios Rosa e dos Teto, assim como a cultura material apresentada nos dois suscitou a possibilidade de uma conexão entre eles, bem como motivou o surgimento do problema do presente trabalho.

CAPÍTULO II

O PROBLEMA E A BASE CONCEITUAL-METODOLÓGICA

2.1 O Problema

Durante a fase de reconhecimento e mapeamento do projeto “*Arqueologia Regional da Serra dos Quilombos*” dois sítios que foram localizados se destacaram: os sítios Rosa e dos Teto. Esses sítios não apenas se destacaram pela cultura material encontrada, mas principalmente, pela proximidade entre eles e pela relação aparente verificada na cerâmica. No período da campanha já foi possível sugerir a conexão entre eles e ainda assim perceber que, apesar das semelhanças apresentadas, existiam especificidades que mereciam interpretações e que permitiam alcançar aspectos da organização do grupo social que utilizou esses espaços no passado.

No contexto arqueológico da Serra da Barriga os sítios indígenas costumam apresentar um registro material que abarca principalmente a cerâmica e o material lítico. Contexto esse que foi observado durante a caracterização do sítio Rosa, entretanto no sítio dos Teto, durante o trabalho de campo, foi observado que dentre a cultura material remanescente do sítio só restara o material cerâmico. A ausência do material lítico intrigou a equipe, principalmente os profissionais especialistas nesse tipo de artefato.

Inserido na realidade apresentada por estes dois sítios, distantes apenas 800 metros e considerando a aparente contemporaneidade entre eles, fez-se necessário uma investigação que permitisse interpretar e elucidar o cenário que foi palco no passado de atividade humana. Assim, o objetivo desse trabalho é avançar numa interpretação arqueológica dos dois sítios, buscando para isso um arcabouço no registro etnográfico e histórico.

Tendo em vista o contexto arqueológico apresentado pelos sítios, surgem algumas perguntas que servem para movimentar o problema e propor possibilidades: porque, apesar da semelhança verificada através da cerâmica arqueológica de que estes dois sítios estão conectados, o sítio Rosa apresenta-se mais diverso do que o sítio dos Teto? Por que o sítio dos Teto é mais homogêneo?

As respostas para estas questões permeiam um vasto universo de possibilidades. Alarcão (1996) referindo-se a leitura das evidências arqueológicas pelo prisma da arqueologia contextual comenta que *“... o comportamento do homem é sempre habitado por um pensamento e por atitudes coletivas, interroga as coisas buscando o que elas segredam, mas não alcançam níveis de certeza: só níveis de possibilidade ou de probabilidade”*. Sendo assim para que se possa reduzir este universo de possibilidades são necessárias medidas que permitam selecionar deste universo meios para uma interpretação mais aceitável da realidade. Para isso, buscou-se no registro histórico e etnográfico elementos que pudessem fornecer um alicerce bem estruturado e que permitissem atingir, dentre as possibilidades, um nível de plausibilidade. Assim sendo, a proposta principal é traçar um paralelo entre o registro etnográfico e o contexto arqueológico, estabelecendo assim uma teoria de alcance médio. Para isso, deve-se salientar que apesar de que tanto o registro etnográfico, como o registro arqueológico tratem da conduta humana, ou seja, do ser humano enquanto ser social, a metodologia e a análise das duas fontes são bem diferentes, os dados etnográficos são obtidos através de entrevistas com o grupo social estudado, enquanto que o dado arqueológico é obtido através da investigação do que restou da cultura material de um grupo social no passado. Por isso se torna imprescindível uma adequação que permita tecer este paralelo.

Binford (1967) propõe que a utilização do registro etnográfico na arqueologia deve servir para provocar novas questões, assim como, a partir da seleção de características mais gerais, buscar similaridades entre as relações reconhecidas no registro etnográfico. Assim, corroborando com a proposta de Binford, buscou-se nos estudos etnográficos subsídios para fomentar a elaboração de uma hipótese.

2.2 Uma Proposta de Paralelo Etnográfico

Existem diversas posturas na utilização da etnografia como subsídio da arqueologia (BREUIL 1952 apud LEWIS-WILLIAMS, 1991), (BINFORD, 1967), (SILVA, 2002). A analogia direta e indutiva é umas das formas de associar e estabelecer uma ligação entre a cultura material do sítio arqueológico com os grupos atuais, entretanto essa forma de analogia tem se mostrado bastante falha, principalmente quando fundada sob poucos subsídios.

Um exemplo de aplicação dessa forma de analogia está em Breuil (apud LEWIS-WILLIAMS, 1991). Buscando compreender uma gravura de Lascaux, Breuil comparou uma fotografia obtida de um grupo na Guiné Francesa com uma obtida de uma gravura em Lascaux, ele observou que os traços da imagem de Lascaux apresentavam similaridades com os da fotografia de um “*feiticeiro trajado da cabeça aos pés em um disfarce feito de fibra vegetal trançada*”. Logo ele chegou a conclusão que a imagem observada em Lascaux significava provavelmente um feiticeiro paleolítico vestido com um disfarce de fibras vegetais (LEWIS-WILLIAMS, 1991).

A utilização da analogia indutiva e direta, além de chegar a conclusões simplistas, ela não concede elementos argumentativos. Tomando ainda o exemplo anterior, os traços da gravura de Lascaux podem significar um feiticeiro, e com a mesma intensidade pode até não representar nada do mundo real.

Para fortalecer o argumento partindo dessa visão da utilização da etnografia, faz-se necessário à utilização de um conjunto de elementos obtidos em fontes etnográficas que permita a comparação com registro arqueológico. Sobre o assunto Lewis-Williams (1991) argumenta que ao considerar uma ampla variedade de precedentes etnográficos pode ajudar a evitar interpretações muito limitadas e etnocêntricas, alertando sobre o perigo das conclusões simplistas. Segundo Binford (1967) a forma de analogia indutiva e direta apresenta-se como um meio de construção de “interpretações”, servindo então como dados para a síntese, ele considera que a analogia não deveria ser utilizada dessa forma, enquanto oferta de interpretações, mas sim para provocar novas questões.

Para Binford (Apud LEWIS-WILLIAMS, 1991) os precedentes etnográficos devem servir para a elaboração das hipóteses. A utilização da etnografia para a construção de hipóteses, tendo seu uso no campo das idéias e não na relação direta. Lewis-Williams defende essa forma de analogia:

“[...]As Copi points out (1982, 399), 'An argument based on a single relevant analogy connected with a single instance will be more cogent than one that points out a dozen *irrelevant* points of resemblance' (see also Wylie 1988a). Reacting to this kind of criticism of listing what are really irrelevant points of similarity, some writers rightly seek uniformitarian principles, linked aspects of society that can be projected back into the past. They search for behavioural *systems* that produce particular artefactual patterns, that is, persistent sets of behavioural

features that are directly *relevant* to material features identical or very similar to those in the archaeological record that need to be explained.”
[(LEWIS-WILLIAMS, 1991:152) itálico do original]

A relação análoga entre dados etnográficos e arqueológicos tomando como referência elementos essenciais da organização social de grupos atuais e seu reflexo na cultura material, permite a construção de hipóteses que serão contrastadas mediante as evidências arqueológicas. Dias (2003) defende que:

“(…) A analogia permite formular proposições sobre o passado a serem testadas no registro arqueológico, pois oferece à arqueologia a possibilidade de construção de modelos elaborados sobre o conhecimento corrente disponível e sobre o grau de variabilidade na forma, estrutura e funcionamento dos sistemas culturais.(…)” (DIAS, 2003: 36)

O paralelo etnográfico surge como uma ferramenta essencial para a construção de modelos sociais passíveis de contrastação, mediante dados arqueológicos. O intuito da construção desse modelo não objetiva, necessariamente, tentar reconstruí-lo através da cultura material, mas sim tomá-lo como parâmetro de análise. Sobre a utilização do paralelo etnográfico Rodrigues e Afonso (2002) afirmam:

“Os dados gerados com a informação coletada de sociedades recentes e sua cultura material podem ser aplicados como fonte de hipóteses que possibilitem inferir explicação da dinâmica social pretérita (...)”

As implicações inerentes na aplicação de um modelo construído por meio de uma analogia entre as interpretações etnográficas e arqueológicas, apesar de conter limitações epistemológicas, devem ser trabalhadas com cautela para que se possa desenvolver uma analogia válida. Uma das limitações inerentes a esse paralelo é a distância temporal existente entre o registro etnográfico e arqueológico, entretanto, para conciliar esses registros, devem-se buscar características essenciais na construção do modelo.

Outro aspecto importante que deve ser observado é a relação cultural entre o grupo vivo observado, e o morto refletido no registro arqueológico, tema que é tratado por “teorias de alcance médio” e amplamente discutido na filosofia da arqueologia (SCHIFFER,1988). Essa é uma questão determinante e pertinente para condicionar o modelo enquanto

elemento que não deve ser reconstituído, mas sim tomado como instrumento metodológico de análise, tendo em vista que esse foi construído para servir como parâmetro.

A hipótese proposta foi orientada a partir de um elemento recorrente na concepção do espaço social nos grupos indígenas atuais, a dissociação entre espaço físico ligado ao campo do real e o espaço físico relacionado ao sagrado, ao sobrenatural.

Em Alagoas, como em boa parte do Brasil não é possível ainda relacionar o registro arqueológico com um determinado grupo indígena existente, quer seja através de documentos históricos, ou grupos atuais, e quando se tenta relacionar, como é o caso do Tupiguarani arqueológico e o Tupi-guarani histórico (BROCHADO apud NOELI, 2008), são encontradas lacunas e incoerências que não permitem uma relação verificável.

A proximidade, bem como as relações estabelecidas entre os grupos indígenas gerou uma lógica ritualística de essência comum aos grupos que se estabeleceram em Alagoas: o “segredo”, o “privado” e o “sagrado”. Artur Ramos em sua obra intitulada *Antropologia Brasileira* (1940) ratifica essa idéia de similaridades de certos grupos indígenas: “*Apenas sabemos que os Kariri se aproximavam culturalmente dos Tupi: conheciam a agricultura, embora mais rudimentar, que destes últimos, faziam redes de algodão e conheciam a cerâmica rudimentar*” (RAMOS, 1940). Não se pretende padronizar os grupos indígenas no Brasil, tendo em vista a diversidade cultural existente, mas sim defender a idéia da existência de elementos comuns construídos a partir das relações culturais estabelecidas entre os grupos.

Para traçar um paralelo etnográfico, visando alcançar questões da organização espacial acerca dos grupos ceramistas dos sítios Rosa e dos Teto, serão tomados como referência os trabalhos etnográficos realizados em Alagoas, que tratam de questões que possam ter relevância para a interpretação do registro arqueológico. Dentre os grupos indígenas remanescentes mais estudados no Estado estão os Kariri-Xocó e os Xucurus-Cariri, o primeiro situado no município de Porto Real do Colégio, localizado às margens do rio São Francisco, situado a 140 km dos sítios estudados; o segundo, localizado na cidade de Palmeira dos Índios, distando cerca de 70 quilômetros em linha reta dos sítios trabalhados. Antes de dar sequência aos resultados obtidos dos dados etnográficos é

importante compreender o processo histórico que influenciou e transformou esses grupos indígenas remanescentes.

A formação cultural dos índios atuais de Alagoas é fruto de um processo multiétnico constituído pelos índios da região. Segundo Antunes:

“As tribus de que descendem os atuais habitantes das aldeias são Cariris e Chucurus que vieram de São Paulo com as forças requisitadas para a destruição dos Palmares: mas é possível que existam também descendentes dos Tabajaras e Caetés que se achavam no litoral e sertões da província da época do descobrimento do Brasil. [trecho extraído de Antunes que copiou do documento intitulado:] Relatório lido perante a Assembléa Legislativa da Província de Alagoas, no ato de sua instalação, no dia 16 de março de 1870, pelo presidente da mesma, o Exmo Sr. José Bento da Cunha Figueiredo Júnior.”

(ANTUNES, 1973: 28)

A interrelação entre os indígenas de grupos diferentes certamente não se deu apenas no período posterior à chegada dos europeus, o contato entre os grupos sociais ocorria desde tempos remotos. Assim sendo, como em qualquer área ocupada por diversos grupos, o contato entre eles exerceu um processo de aculturação, gerado pela dinâmica intergrupos. Logo, supor que esse processo ocorreu com os grupos indígenas instalados na região da zona da mata alagoana é aceitável.

Sobre os índios que ocupavam o rio São Francisco, Gabriel Soares de Souza, no seu trabalho intitulado *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* (SOUZA, 2000), narra os constantes conflitos e processos interativos.

“Este gentio, nos primeiros anos da conquista deste estado do Brasil, senhoreou desta costa da boca do rio São Francisco até o rio Paraíba, onde sempre teve guerra cruel com os potiguares e se matavam e se comiam uns aos outros por vingança de seus ódios, para a execução da qual entravam muitas vezes por terras dos potiguares e lhes faziam muitos danos. Da banda do rio São Francisco guerreavam estes potiguares em suas embarcações com os tupinambás, que viviam em outra parte do rio, em cuja entravam a fazer seus saltos, onde cativavam muitos e que comiam sem lhes perdoar (...)”

(SOUZA, 2000: 49)

Ainda reportando sobre os indígenas das proximidades do rio São Francisco, contudo referindo-se aos indígenas do sertão Souza continua:

“(…) Pela parte do sertão, confinava esse gentio [Caeté] com os tapuias e tupinaés, e se faziam cruéis guerras, para cujas aldeias haviam fronteiro, que corriam e salteavam. E quando os caetés matavam ou cativavam alguns contrários destes, tinham-no por mor honra que não quando faziam aos potiguares nem aos tupinambás. Esse gentio é da mesma cor baça, e tem a vida e costumes dos potiguares e a mesma língua que é em tudo como as do tupinambás, em cujo título se dirá muito de suas gentilidades.”

(SOUZA, 2000: 49)

Apesar do relato de Souza estar condicionado a uma visão do colonizador, orientada por valores europeus, eles revelam, não só o processo político e social de um momento no século XVI, mas também reforça a idéia de que havia um processo sócio-cultural de troca, contato e interação entre os grupos sociais que ocuparam a região.

Após analisar etnografias que tratam da problemática indígena no nordeste do Brasil, enfatizando as do Estado de Alagoas, verifica-se um elemento recorrente nas atividades sagradas por eles realizadas. Apesar do indígena ao longo da história ter sofrido um processo de assimilação de valores do velho mundo, como a catequização durante o período colonial, principalmente pelos Jesuítas; o sagrado e os rituais que o compõe encontraram maneiras de perdurar nas culturas indígenas, Mota e Barros (2006) justificam:

“No passado histórico, tanto a festa como o local eram conhecido como Varakidra, o mesmo nome de uma deidade Cariri. A festa tinha lugar durante o amadurecimento das frutas das palmeiras conhecidas como ouricuri (*cocos coronatas m*). Como consequência do processo de colonização e devido às pressões exercidas pelos Jesuítas contras as religiões nativas, as festas da Varakidra passou a ser conhecida por Ouricuri, numa metonímia, como se referisse somente a uma festa rural de colheita. Para os Cariri, no entanto, a festa é tradicionalmente conhecida por Matekraí, que significa, em idioma Iate, “Raiz Ancestral” e assim como segredo.”

(MOTA & BARROS, 2006: 28)

Como se verifica, no caso dos Cariri, mesmo com o intenso processo de coerção social, o exercício de práticas religiosas indígenas manteve-se forte. A prática do Ouricuri

está presente na maioria dos grupos indígenas remanescentes em Alagoas, pode-se citar além dos Kariri-Xocó, o Karapotó de Igreja Nova, os Tingui-Botó, bem como os Xucuru-Kariri. Os grupos que praticam o Ouricuri possuem um local reservado onde se mudam durante períodos rituais.

A relação do espaço social e sua função, seja ela ritualística ou habitacional, é formada por uma lógica organizacional que se repete entre os grupos indígenas atuais. A distância entre as áreas habitacionais e as áreas rituais das três aldeias (Fazenda Canto, Mata da Cafurna e Coité) dos grupos Xucuru-Cariri de Palmeira dos Índios é de aproximadamente 1000 metros. No que se refere a essa distância, quando observada no Kariri-Xocó, de Porto Real do Colégio, verifica-se uma separação de aproximadamente 5000 metros.

Dentre os estudos etnográficos realizados no Estado de Alagoas está o trabalho desenvolvido por Clarice Mota que descreve e analisa este contexto, a partir dos elementos rituais do grupo Indígena Kariri-Xocó e do papel da planta Jurema⁷, seja pelo viés medicinal ou botânico, seja pelo que ela representa para o grupo. A partir da análise deste trabalho etnográfico, visa-se estabelecer um modelo, baseado nos elementos essenciais, presentes não só no plano real, mas também no plano das idéias, ou seja, a existência de espaços de atividade ritual e espaço habitacional condicionado por um conjunto de idéias associadas que justificam a relação funcional e espiritual destes. A respeito dessa estruturação de idéias na concepção do espaço ritual Mota (1997) interpreta:

“Considera-se a mata do Ouricuri sagrada porque o ritual do convênio entre deuses, ancestrais e os homens ali tomam lugar. Tal espaço torna-se um lugar estruturado e significado, tendo forma e poder e sendo o único espaço ‘real’, melhor dizendo, um único espaço digno de ser vivenciado, pois a vida sem ele não seria possível. A vida era tão difícil, tão repleta de inimigos, reais e imaginários, para os povos indígenas! Admitir que existia um espaço simbólico e também ‘real’, só para eles, era o essencial para suas vidas (...). O espaço do Ouricuri era e continuava sendo o centro do universo onde todas as coisas e criaturas ganham forma e significado.”

(MOTA, 1997: 104-105)

Concordando ou não com a interpretação de Mota, fica evidente que o segredo atrelado ao espaço do Ouricuri remete a uma separação entre o cotidiano e o sagrado,

⁷ *Mimosa verrucosa*

entre o espaço físico e o metafísico, tais idéias de separação e segredo sugerem áreas de atividades distintas para esses processos antagônicos e bem definidos. E é justamente no aspecto ritual, devido suas crenças, que o grupo Kariri-Xocó alicerça sua identidade e relembra sua história:

“O pajé Cariri-Xocó nos explicou, em 1985, que “a língua é para nossa proteção, para nos abençoar”. (...) Os demais membros do grupo, quando reunidos no espaço sagrado do Ouricuri se compreendem e se comunicam na linguagem chamada ancestral, dentro da realização de um drama ritual, no qual a identidade indígena é resgatada e onde seus participantes se refazem como pessoas portadoras de um passado comum.”

(MOTA & BARROS, 2006: 30)

Referindo-se ao Ouricuri dos Kariri-Xocó Mota (1997) define a relação espacial entre a área habitacional e a área ritual:

“O espaço físico do Ouricuri procura reproduzir a estrutura das aldeias antigas, separando o espaço habitacional das famílias dos espaços considerados secretos e sagrados. e por fim da “mata do encanto”. O espaço do Ouricuri é concebido diferente da aldeia onde eles agora vivem e onde trabalham para o sustento da família.”

(MOTA, 1997: 113)

O conceito de sagrado e secreto implica na necessidade de um espaço além de um convívio público, tendo em vista que as mulheres Kariri Xocó não podem participar de todas as atividades deste evento. Mediante este pré-requisito, as atividades ritualísticas requerem um espaço privado e restrito.

Tomando como paralelo etnográfico, baseado na relação entre o público (área comum) e sagrado (secreto e restrito), pode-se sugerir que este pressupõe pelo menos duas áreas de atividades interrelacionadas, contudo distintas funcionalmente. Esse modelo embasa e justifica a hipótese proposta:

O sítio dos Teto foi utilizado para atividades ritualísticas pelo grupo indígena que ocupava o sítio Rosa.

Para trabalhar com a hipótese acima faz-se necessário o estabelecimento de conceitos que viabilizem definir os parâmetros e atributos que serão utilizados para a classificação e análise do material cerâmico estudado.

2.3. Base Conceitual-Metodológica

Para estabelecer uma interpretação espacial dos sítios trabalhados serão utilizados os conceitos de “complexo situacional de sítios” de Binford (apud DIAS, 2003), bem como o de “sítio de atividade limitada”, de autoria de Plog & Hill (iden).

O conceito de “complexo situacional de sítio” foi construído a partir de um estudo etnoarqueológico de assentamentos dos esquimós Nunamiut e concebe a idéia de conjuntos de sítios contemporâneos, nos quais ocorrem diferentes momentos de um processo produtivo e social. Considera ainda que existem sítios específicos para diferentes atividades, e que esses são interdependentes enquanto partes que se complementam de um sistema social (BINFORD apud DIAS, 2003). Apesar desse conceito ter sido criado a partir do estudo de um grupo social caçador-coletor, a idéia de utilização de locais específicos para a realização de atividades distintas se mantém, entretanto numa escala espacial menor, ou seja, em sítios que foram ocupados por grupos sociais sedentários, a distância entre os subsistemas é menor do que a dos grupos sociais caçadores-coletores.

Quanto à utilização do conceito “sítio de atividade limitada” de Plog & Hill, pode-se considerar que corresponde aos locais onde uma ou algumas atividades são realizadas por populações, cujo domicílio situa-se em outro local, sendo a instalação determinada pela localização do sítio-base ou de conjuntos de recursos a serem explorados. A utilização desse conceito não se fará a partir dos elementos determinantes impostos, mas sim através de uma adequação, estendendo-o de forma a permitir uma abrangência maior de condicionantes. A partir dessa adequação, o conceito de “sítio de atividade limitada” é definido como locais em que um grupo social exerce uma ou mais atividades, cujo domicílio encontra-se em outra localidade, sendo a instalação condicionada não só pela

localização do sítio-base e pelo conjunto de recursos a serem explorados, mas também pela subjetividade, como os locais de práticas rituais.

Apesar da elaboração da hipótese não ter sido realizada sob uma perspectiva de uma analogia direta, é relevante considerar as distâncias entre as aldeias de grupos sociais atuais e seus respectivos espaços rituais, como foi dito anteriormente, no caso dos Karri-Xocó é de aproximadamente 5000 metros, enquanto que no que se refere aos Xucurus-Kariri esses espaços estão situados a 1000 metros das aldeias. Voltando ao conceito de “sítio de atividade limitada” pode-se considerar que a distância do sítio-base poderia ter variado ao longo processo histórico de retirada e retomada de terras indígenas, logo qualquer discrepância mínima no que se refere a distâncias entre os sítios trabalhados e a área compreendida pelos grupos atuais é irrelevante.

Antes de tudo, para trabalhar com os conceitos de “complexo situacional de sítios” e “sítio de atividade limitada” é fundamental definir o que se entende por diversidade e homogeneidade.

A busca da diversidade nos dados arqueológicos é fundamental para potencializar o alcance da investigação arqueológica. A apreensão da diversidade quantificada permite medir a homogeneidade e a heterogeneidade do grupo social estudado. Sendo a cultura um fenômeno de diversidade, no qual existem inúmeras formas de executar uma tarefa e adorar seus deuses, por exemplo. A cultura não deve ser tratada de forma reducionista, pois ela está mergulhada em muitas motivações, quer sejam guiadas pela razão ou não. Alarcão (1996) referindo-se a arqueologia contextual considera: *“para entendermos a cultura material, temos que examinar as idéias que subjazem e as relações sociais no seio das quais ela é criada”*. A ciência para trabalhar com cultura precisa conhecer o máximo sobre sua diversidade para filtrar as opções existentes, para explicar o fato que se pretende explicar, ou mesmo interpretar a realidade de forma coerente. A medição da diversidade, apesar de ser relativa, ela deve está atrelada a atributos determinados pela questão do investigador; pois se não ocorrer dessa forma a determinação da diversidade perde o seu sentido.

A identificação e a quantificação de homogeneidade e diversidade, a partir dos atributos observados, permitem ao pesquisador tecer uma interpretação arqueológica do contexto observado. Para tanto, no caso dos sítios aqui trabalhados, os conceitos de

“complexo situacional de sítios” e de “sítio de atividade limitada” servem como instrumento metodológico que contribui para as considerações sobre a hipótese proposta.

Entretanto, para aplicar o conceito de “complexo situacional de sítios” faz-se necessário estabelecer a conectividade e contemporaneidade entre os dois sítios estudados e ao mesmo tempo demonstrar que eles são frutos de atividades distintas, tomando para isso, um elemento comum a eles: a cerâmica. Outros tipos de artefatos também foram considerados, mas apenas em níveis bem superficiais. No que se refere ao segundo conceito, o de “sítio de atividade limitada”, a partir de sua adequação, será considerado como parâmetro de análise dos sítios dos Teto e Rosa, investigando a natureza funcional de cada um.

CAPÍTULO III

O TRABALHO DE CAMPO

3.1 Sítio dos Teto

O sítio dos Teto foi localizado em janeiro de 2009 durante o reconhecimento arqueológico da Serra da Barriga e seu entorno. Ele está situado na propriedade da família Teto a aproximadamente 800 metros do sítio Rosa (figura 9). Nesta campanha, ele foi contemplado com uma semana de escavação, que teve como finalidade caracterizá-lo. Neste sítio foram coletados em superfície mais de 900 artefatos cerâmicos, dentre estes se verifica alguns com tratamento de superfície ungulado, como também bordas reforçadas.

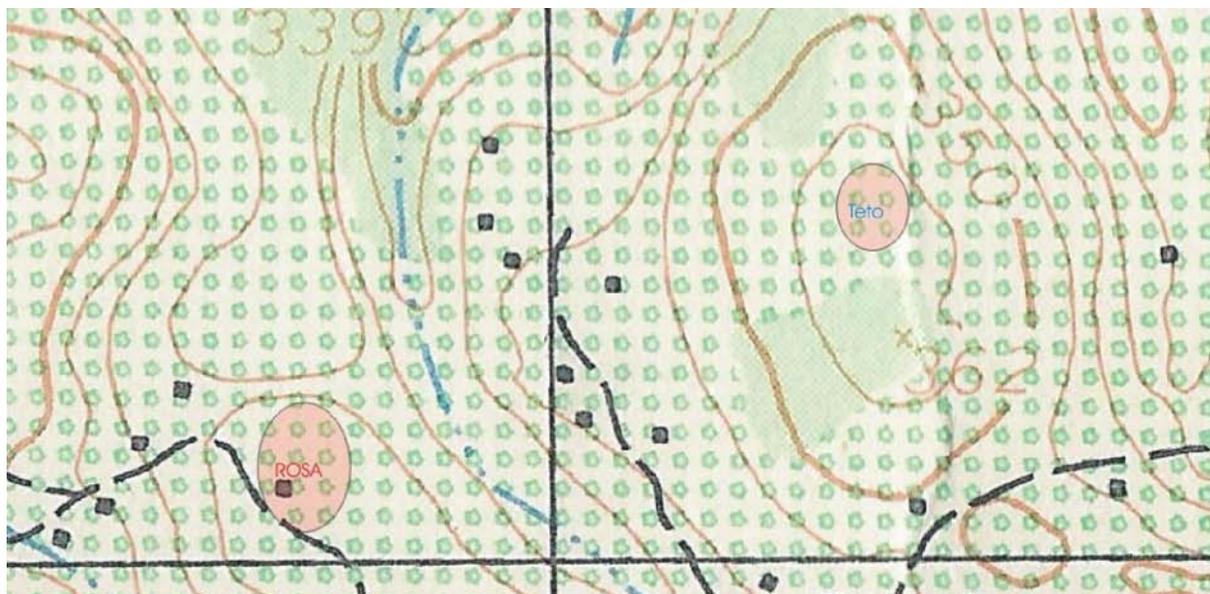


Figura 9 – Mapa de curva de nível da área dos sítios (10 metros de intervalo)
Adaptado: Carta de União dos Palmares (1:25000), Ministério do Exército

3.1.1. Área de Estudo

A área compreendida pelo sítio dos Teto (ver figura 10) apresenta vegetações distintas, sendo a área A utilizada para o plantil de macaxeira, e a área B ocupada por uma mata secundária. O relevo é composto por uma elevação rodeada de encostas suaves. Não

foi realizado o levantamento de curvas de nível nesse sítio, tendo em vista que se tratava apenas da caracterização do mesmo.



Figura 10 – Sítio dos Teto
Fonte: NEPA

A estratigrafia é composta por três camadas (ver figura 11) distintas, sendo a primeira pouco espessa, variando entre 5 e 25 centímetros de profundidade e caracterizada por organossolo de base areno-argilosa, nesta camada foi encontrada a maioria dos artefatos em subsolo. A segunda camada também é bem fina, composta por sedimento areno-argiloso, com traços de organossolo. A terceira camada possui uma uniformidade na cor e textura, ela é constituída por sedimento areno-argiloso e pode ser considerada como camada estéril, pela ausência de artefatos.

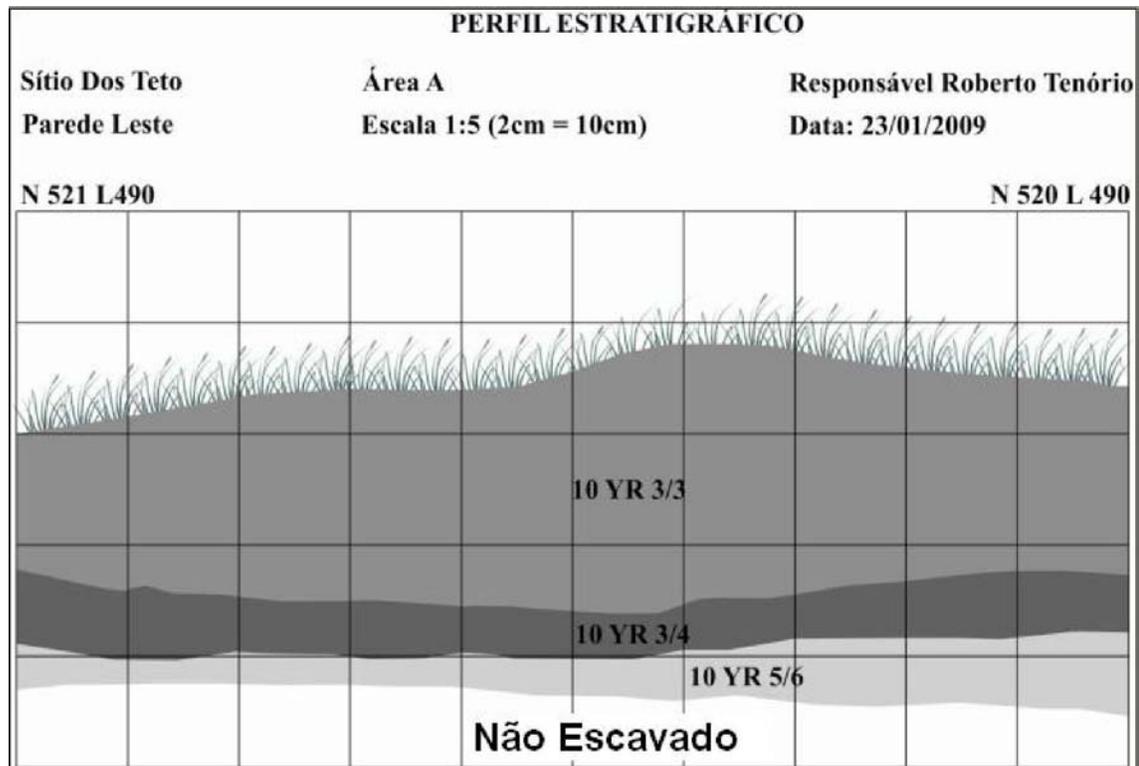


Figura 11 - Perfil estratigráfico do sítio dos Teto

A partir da compreensão estratigráfica não foi possível perceber processos de transformação cultural do sítio, com exceção do plantio da mandioca. Esperava-se ver uma camada orgânica mais profunda, tendo em vista o comportamento estratigráfico observado no sítio SB1 (ALLEN, 2006c), considerando que os dois sítios estão em condições climáticas e geológicas semelhantes, entretanto, como já foi dito anteriormente, a camada orgânica não ultrapassou os 25 centímetros de profundidade. O comportamento estratigráfico manteve-se inalterado tanto na área de macaxeira, como na área de mata secundária. Pode-se concluir que o sedimento superficial sofreu um processo erosivo, que condicionou a redução da espessura da camada I.

3.1.2. Metodologia de Campo

O trabalho de campo foi iniciado com o levantamento topográfico (espacial). Primeiramente, foi colocado um Datum de concreto, com uma viga de PVC, designado arbitrariamente em norte 500 e leste 500, em seguida foi colocado um Subdatum, à oeste. Estes dois pontos colocados serviram como referência para o controle horizontal para a realização da coleta sistemática de superfície. As concentrações de artefatos foram mapeadas e devidamente coletadas.

O levantamento altimétrico desse sítio não foi realizado, tendo em vista a otimização do tempo em campo, uma vez que o objetivo desse levantamento contemplava uma simples caracterização do sítio.

3.1.2.1 Coleta de Superfície

A coleta do material em superfície não privilegiou nenhum tipo de artefato, todo o material arqueológico visível em superfície foi coletado. Esse procedimento deveu-se a preocupação de não distorcer e nem tendenciar o estudo arqueológico. O mapeamento, que foi feito com um teodolito digital, possibilitou uma caracterização espacial intra-sítio, como também permitiu identificar as concentrações de artefatos.

Entretanto, a distribuição intra-sítio não permitiu inferir áreas internas, nem elementos que pudessem contribuir, seja para consolidar a hipótese ou mesmo questioná-la. Sendo assim o trabalho se restringiu a uma análise espacial semi-micro.

3.1.2.2. Sondagens

O trabalho de campo contou, também, com escavações de dez sondagens (Quadrículas) de 1 X 1 metro e duas trincheiras, sendo uma na área A do sítio, situada no trecho de plantação de macaxeira, e outra na área B, que engloba toda a mata secundária ainda restante no sítio.

Cada sondagem (quadrícula) foi escavada através da técnica de decapagem. Esta compreendia um intervalo de 3 a 7 centímetros, dependendo da saída do material arqueológico ou transição de camada. O material arqueológico escavado foi designado horizontalmente e verticalmente, visando preservar ao máximo sua proveniência. Ao final de cada decapagem, as evidências de cada quadrícula foram desenhadas em croquis.

Todo sedimento extraído das quadrículas/trincheiras foi devidamente peneirado e associado a sua decapagem de origem. No processamento dos artefatos foram observadas características preliminares como: matéria prima, identificação e localização.

3.2 Sítio Rosa

O sítio arqueológico Rosa foi localizado na Chácara Recanto, próximo ao limite sudeste da área tombada da Serra da Barriga. Neste sítio, num primeiro momento (janeiro de 2009), foi feito apenas prospecção visual e coleta de amostras de material em superfície. No ano seguinte foi realizada uma coleta sistemática do material em superfície e algumas sondagens também foram realizadas.

3.2.1. Área de Estudo

A área de estudo compreende uma das elevações que compõem os diversos platôs presentes na Serra da Barriga, sendo essa situada na localidade conhecida com Recanto. O

sítio possui uma extensão de aproximadamente um hectare, com relevo composto por uma área mais alta com declínio suave ao norte, leste e oeste, e com superfície plana ao sul.

A estratigrafia do sítio possui uma regularidade e apresenta uma camada orgânica pouco espessa o que indica um processo de erosão, típicos de sítios a céu aberto. Além da camada orgânica, pode-se assegurar outras duas camadas presentes: uma de transição que começa, em média, aos 6 cm de profundidade; e outra, claramente com sedimento apresentando menor incisão de organossolos.

Apesar da percebida regularidade estratigráfica, foi possível identificar alguns processos de transformações culturais do sítio; levando em consideração que uma linha de transmissão elétrica perpassa sobre um trecho do sítio. Segundo moradores locais, durante a montagem dessas linhas é corriqueiro a realização de terraplanagem no entorno da obra.

O conhecimento da vegetação da área de estudo se faz necessário para entender o processo de transformação do sítio, seja ela natural, gerada por efeitos climáticos; ou cultural, o tipo de utilização do solo ao longo dos anos, implementações arquitetônicas e seus impactos direto e indireto, bem como outras atividades que modifiquem o registro arqueológico.

A vegetação presente no sítio Rosa é o cultivo da laranja e da manga, esse tipo de vegetação, apesar de não preservar o organossolo, permitindo a erosão, pode implicar numa melhor preservação do material arqueológico em subsolo, tendo em vista que esses tipos de cultivos não necessitam de replantação, como a mandioca.

3.2.2. Metodologia de Campo

Como estratégia de ação foram utilizadas duas técnicas arqueológicas, a primeira que visava o conhecimento da densidade do sítio e a segunda que tinha como objetivo estabelecer a diversidade do material arqueológico.

uniforme. Em cada quadrado foi realizada a coleta do material arqueológico (Figura 13) situado na superfície, através de varreduras completas.



Figura 13– Coleta do material arqueológico em superfície
Fonte: NEPA

A coleta realizada em cada quadrado foi realizada sem privilegiar ou desconsiderar nenhum tipo de artefato, sendo feita a catalogação desde artefatos diagnósticos, até artefatos erodidos.

Foram realizadas quatorze sondagens, de aproximadamente 40 por 40 cm de dimensão, seguindo em linha, com espaçamentos de 5 metros entre elas, tendo início nas proximidades da casa do Sr. Antônio Rosa, seguindo a sudoeste até uma mangueira e seguindo a oeste numa área de declínio suave. A realização de sondagens visou, não só observar o material arqueológico em subsolo, mas também compreender a continuidade estratigráfica, incluindo os processos de formação e transformação do sítio.

3.2.3 Resultados do Trabalho de Campo

Os resultados obtidos através do trabalho de campo revelaram um sítio bastante erodido e, conseqüentemente, com a maior parte dos artefatos expostos em superfície. As sondagens realizadas mostraram um subsolo escasso de artefatos. Os artefatos encontrados na escavação das sondagens apresentavam proveniência vertical de em média 10 centímetros, com exceção do material arqueológico originado da sondagem 7 que apresentou artefatos até o nível 4.

Num primeiro momento pode-se sugerir que no local onde foi realizada a sondagem 7 passava uma vala de escoamento de água recente, tendo em vista a existência de valas desse tipo abertas no sítio. Assim, a presença de artefatos recentes no nível 4 se justificaria.

A coleta sistemática do material arqueológico em superfície foi realizada em 46 quadrados de 5 por 5 metros, cobrindo uma área de 1150 m². Os artefatos coletados em cada quadrado foram devidamente designados e catalogados, possibilitando assim a observação das distribuições das concentrações de artefatos. Após observar a distribuição espacial intra-sítio, não foi possível encontrar aspectos interessantes que contribuíssem para o trabalho, fato que foi determinante para uma abordagem espacial semi-micro.

A partir da análise da cerâmica deste sítio será possível estabelecer uma caracterização apurada desta área de atividade humana. Foi coletado um total de 1484 artefatos, sendo estes em sua maioria material cerâmico. Foram encontrados também líticos lascados e materiais do período histórico, como louça, faiança, ferro e grês.

Durante o trabalho de campo não foi encontrado nenhum utensílio cerâmico passível de reconstituição, apenas artefatos fragmentados. Entretanto, em momento posterior ao trabalho de campo, trabalhadores rurais, ao abrir uma vala de escoamento (figura 14) de água, encontraram dois vasilhames (figura 15) associados, sendo um deles pouco fragmentado, possivelmente uma urna (da direita) e um opérculo (da esquerda). Apesar do universo de material arqueológico coletado, para aprofundar e melhor caracterizar faz-se necessário um estudo mais aprofundado da cerâmica arqueológica e averiguar características que fomentem ao teste da hipótese proposta.



Figura 14 – local onde foram encontrados a suposta urna e o opérculo



Figura 15 – vasilhas encontradas por trabalhadores rurais no sítio Rosa (supostamente opérculo e urna)

O trabalho de campo realizado no sítio Rosa possibilitou a coleta de material necessário para uma caracterização mais aprofundada, bem como forneceu subsídios para trabalhar com as hipóteses levantadas neste trabalho.

CAPITULO IV

ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS MATERIAIS

Os materiais arqueológicos encontrados no sítio Rosa englobam a cerâmica como elemento mais abundante, incluindo duas vasilhas associadas e passíveis de reconstituição. Além da cerâmica, o sítio também apresenta materiais líticos.

Por outro lado, no sítio dos Teto, o material cerâmico apresenta-se como elemento único, não que seja possível que outras evidências perecíveis estivessem presentes neste sítio, mas a ausência de material lítico pede uma explicação assim como uma interpretação.

4.1. Metodologia para Análise da cerâmica

A análise dos artefatos cerâmicos dos sítios Rosa e dos Teto foi baseada em atributos que permitissem alcançar elementos que sustentem, epistemologicamente, a contrastação da hipótese proposta, bem como as limitações das evidências obtidas nos sítios estudados, dessa forma houve atributos que foram enfatizados no estudo e outros que não foram observados. Este trabalho não tem a pretensão de produzir um perfil cerâmico dos sítios, pois para isso seria necessário o acréscimo de atributos que não poderiam ser observados devido à limitação do registro arqueológico, limitação essa não originada da falta de registro em campo, considerando que o trabalho de campo ocorreu seguindo orientações metodológicas; mas sim pelo grau de conservação do material arqueológico encontrado.

Apesar da maioria dos artefatos cerâmicos ter sido obtido em superfície, levando em consideração o processo de erosão por eles sofridos, alguns traços de suas características mantiveram-se preservados, fator que permitiu ainda sim, resgatar

informações arqueológicas que possibilitam uma análise científica e, conseqüentemente, alcançar questões acerca dos que fabricaram e utilizaram estes.

A partir das sondagens realizadas, nos dois sítios, foi possível verificar uma similaridade na formação estratigráfica, principalmente no que constitui a camada orgânica. Esta se apresenta pouco espessa e com baixa frequência de artefatos e vestígios em ambos os sítios.

Como foi comentado anteriormente, o universo do material cerâmico que foi analisado contempla apenas material cerâmico muito fragmentado, com exceção das duas vasilhas encontradas fortuitamente (refere-se a figura 15) no sítio Rosa. Mesmo assim, este universo fornece o arcabouço necessário para estabelecer uma base de dados que fomente a interpretação e, em decorrência, alcançar os objetivos almejados.

Foram analisados todos os materiais cerâmicos (figuras 16 e 17) coletados nos sítios, com exceção dos menores de 2 centímetros ou aqueles que não possuíam as faces interna e externa, por não possuírem a espessura da parede, com exceção de artefatos diagnósticos. Esse critério foi utilizado por Oliveira (2000) devido a escassez de informações presentes em artefatos nestas condições e utilizado pelo mesmo intuito neste trabalho.



Figura 16 – Material cerâmico– sítio Rosa



Figura 17 – Material cerâmico– sítio dos Teto

4.1.1. Análise dos fragmentos e os atributos selecionados

A seleção dos atributos utilizados, bem como a elaboração do formulário de análise teve inspiração nos formulários utilizados pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (NEA/UFPE), assim como no formulário de análise de cerâmica desenvolvido por Rodrigo Lessa para o estudo que originou sua dissertação (Lessa, 2010).

Os conceitos dos atributos observados no estudo da cerâmica vem sendo um tema bastante discutido entre os pesquisadores da área e no que se refere a isso, não há um consenso (LA SALVIA E BROCHADO, 1989; CHMYZ, 1969; OLIVEIRA, 2000). Isso ocorre porque cada um concebe a realidade de uma forma própria, na maioria das vezes orientados por problemas arqueológicos distintos que requer uma conceitualização apropriada.

Os atributos selecionados foram aqueles que forneceram informações pertinentes ao objetivo proposto. Assim sendo, para a realização da análise dos fragmentos, foram selecionados atributos essenciais na análise de cerâmica. Verificam-se três vetores fundamentais na análise da cerâmica arqueológica: a pasta, a espessura e o

tratamento de superfície. Entretanto, faz-se necessário a definição destes e a delimitação de suas subdivisões:

4.1.1.1 Pasta

Define-se por pasta a configuração entre argila, areia e rochas que compõe a massa utilizada na fabricação da cerâmica visível a olho nu. Um dos debates que giram em torno deste elemento, trata da intencionalidade ou não dos grupos ceramistas em adicionar certos ingredientes durante a preparação da massa cerâmica. Esse aspecto necessita ser explorado, pois a configuração da pasta permite alcançar questões que tratam da função do objeto e conseqüentemente, uma melhor delimitação do contexto arqueológico.

A respeito deste assunto, Oliveira (2000) defende que apesar das diferenças encontradas nas pastas possam não ser produto de atividades tecnológicas e culturais, estas servem como base válida para distinções tipológicas, até que fatores ambientais sejam investigados.

Neste trabalho, o elemento pasta será considerado como escolha tecnologicamente determinada, as diferenças encontradas neste elemento são fruto da escolha da argila ideal para a fabricação de um determinado utensílio com sua respectiva função preconcebida.

No atributo *pasta* foi observado a configuração da pasta de cada fragmento, tomando como subelementos:

4.1.1.1.1 **Composição** – Conjunto de elementos interrelacionados que constituem a pasta do artefato cerâmico. Podendo ser areia, bolo de argila, cacos moídos, rochas, minerais e material orgânico.

4.1.1.1.2 **Frequência** – é caracterizada pela recorrência dos elementos da composição, esta pode ser:

Frequência 1– frequência baixa; menor que 10 %;

Frequência 2– entre 11 % e 50 %;

Frequência 3– maior que 50 %.

O elemento *pasta* pode fornecer informações não só da configuração tecnológica do artefato, mas também pode sugerir a função do objeto no qual o fragmento faz parte. A técnica construtiva pode indicar se o objeto foi feito para ir ao forno, ou para armazenar líquido, ou somente decorativo.

A análise desse atributo se torna fundamental, não só para relacionar os sítios Rosa e dos Teto, como também averiguar as áreas de atividades. Levando em conta que a pasta tem que atender as necessidades funcionais do objeto que ela compõe. Partindo do específico para o geral, a investigação desse elemento associado aos outros pode estabelecer parâmetros funcionais que remetam ao uso, assim como a função social das áreas compreendidas pelos sítios estudados.

4.1.2 Espessura – compreende a distância entre as faces internas e externas dos artefatos.

O Atributo *espessura* está compreendido no aspecto forma e função, assim tendo em vista que não foi possível realizar a reconstituição das peças, esse será o único atributo intrinsecamente ligado a esse aspecto.

4.1.3. Tratamento de Superfície

O tratamento de superfície é um dos principais atributos observados no estudo da cerâmica, entretanto deve-se observar que existem implicações no seu uso, tendo em vista que diferentemente da pasta, este elemento pode não ser representativo de um objeto, pois o mesmo pode possuir temas ou tratamentos diferenciados dependendo da parte que o fragmento o compõe. Apesar da ressalva, a observância do tratamento de superfície pode fornecer informações plausíveis, tanto no aspecto tecnológico, como no aspecto funcional e social. La Salvia e Brochado (1989) considera o tratamento de superfície como acabamento superficial o definindo como:

“Chamamos o modo de acabamento ao tratamento aplicado as paredes dos recipientes cerâmicos. Este tratamento nem sempre tem uma finalidade decorativa, por vezes sua intenção é utilitária ou de simples acabamento”.

(La Salvia e Brochado, 1989)

Um trabalho que enfatizou este atributo foi o de Dias (DIAS et al, 2008), buscando no grafismo presente na cerâmica, elementos que remetesse a natureza simbólica, tendo como fundamentação o relato de cronistas. A pintura da cerâmica, baseando-se no registro relatado por cronistas e viajantes, estaria associada ao universo simbólico.

O atributo “tratamento de Superfície” foi dividido em três subelementos: tratamento plástico, pintado e alisado, podendo ser este interno e externo. Para reconhecer o tipo de tratamento de superfície foi utilizada a obra *“Terminología Arqueológica Brasileira Para Cerâmica”* (CHMYZ, I. et. al, 1969).

Uma idéia que está atrelada ao tratamento de superfície, e que será fundamental neste trabalho, é que este elemento apresenta uma característica bem peculiar: a intencionalidade. Sem contar que este atributo pode remeter a traços extra funcionais, podendo ter aspectos que permitam alcançar o simbólico. Seguindo esse raciocínio pode-se considerar a borda como atributo essencialmente semelhante.

4.1.4. Bordas

Além da descrição dos fragmentos quanto à pasta, tratamento de superfície e espessura; o estudo enfatizou as bordas, tendo em vista que elas também são elementos diagnósticos na caracterização dos vasilhames cerâmicos.

A análise das bordas objetivou, não só compreender as diversidades do universo de vasilhas cerâmicas apresentadas nos sítios, mas também para fornecer informações sobre a utilização dos artefatos e suas relações intrasítio e intersítios. As bordas foram analisadas sob dois aspectos:

4.1.4.1 Corpo – É representado pela morfologia da borda, até antes do lábio. O corpo pode ser direto, reforçado ou expandido.

4.1.4.2 Lábio – É o tipo de formato da extremidade da borda, que pode ser apontado, arredondado, ungulado e achatado.

Como será visto a seguir, os dados de cada sítio foram analisados seguindo os mesmos critérios, buscando construir informações sólidas para que permita uma interpretação bem apoiada e, conseqüentemente, legitimada cientificamente.

4.2. Resultados da análise da cerâmica

No sítio dos Teto foram analisados 905 fragmentos cerâmicos que possuem, em média uma dimensão de 4 por 6 centímetros. Esses fragmentos, obtidos na coleta de superfície e nas unidades escavadas, são fruto do trabalho de campo executado em janeiro de 2009. No acervo do sítio Rosa foram selecionados 580 artefatos cerâmicos. Esse material arqueológico foi analisado seguindo a metodologia definida anteriormente.

4.2.1. Configuração da Pasta

A configuração da pasta é composta pela relação entre a argila, incluindo elementos a ela associados, como também a frequência que estes se apresentam. Foram reconhecidas três configurações distintas, denominadas de pasta 1, 2 e 3.

A **Pasta 1** (Figura 18) é composta por argila com pequena quantidade de areia fina, com frequência baixa. Em alguns raros fragmentos associados à essa pasta foi encontrado caco moído e bolo de argila, elementos não identificados nos representantes das duas outras pastas.

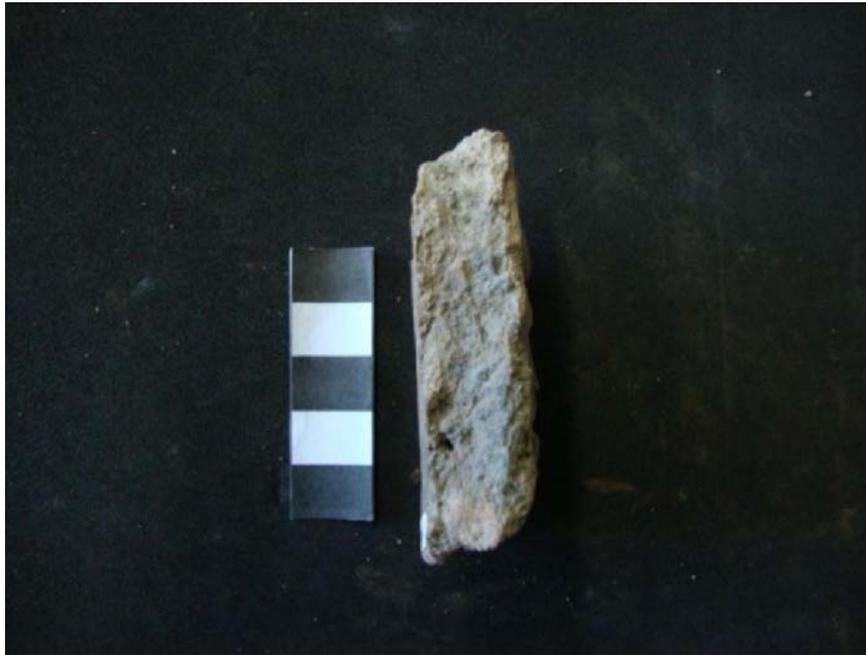


Figura 18 – Configuração Pasta 1
Fonte: NEPA

A **Pasta 2** (figura 19) é constituída por argila e areia fina e média, com frequência média.



Figura 19 – Configuração Pasta 2 - Fonte: NEPA

A **Pasta 3** (figura 20), além da argila, ela possui em sua configuração areia média e grossa, além de pequenas rochas de quartzo. A frequência de antiplástico é alta.





Figura 20 – Configuração Pasta 3
Fonte: NEPA

Tanto os artefatos cerâmicos do sítio dos Teto, como os do Rosa, apresentam essas três configurações de pastas, só que em quantidades proporcionalmente diferentes como se vê no gráfico abaixo:

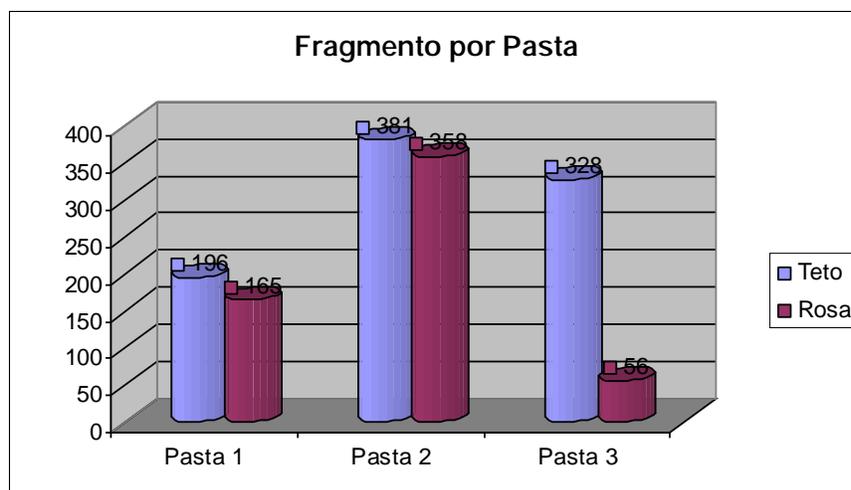


Gráfico 1 – Fragmento por pasta

Tabela 1 – fragmento por pasta

	Pasta 1		Pasta 2		Pasta 3	
	Fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%
Teto	196	22	381	42	328	36
Rosa	165	28	358	62	56	10

A presença das três configurações de pasta permite consolidar os dois sítios enquanto espaços utilizados pelo mesmo grupo social. A proporcionalidade diferenciada da pasta, entre os sítios, pode está associada a forma de uso do espaço, tendo em vista que áreas de atividades distintas geram uma cultura material compatível com a realidade funcional.

4.2.1.1 Espessura

A espessura do fragmento cerâmico foi observada buscando mais um elemento que permitisse observar funcionalidades distintas no sítio dos Teto e Rosa. A Funcionalidade dos espaços pode tendenciar a espessura do objeto cerâmico, usando como argumento o fato de que atividades diferentes sugerem objetos também diferentes, assim como as espessuras destes. Considerando a consolidação da hipótese, a espessura dos fragmentos cerâmicos foi separada em cinco categorias:

Muito fina – Artefatos com 3 à 5 milímetros

Fina – Artefatos com 6 à 10 milímetros

Média– Artefatos com 11 à 15 milímetros

Grossa – Artefatos com 16 à 20 milímetros

Muito Grossa – Artefatos com mais de 20 milímetros

A determinação da espessura seguiu o mesmo critério para os dois sítios, assim sendo, segue abaixo o resultado obtido a partir da medição das espessuras dos fragmentos:

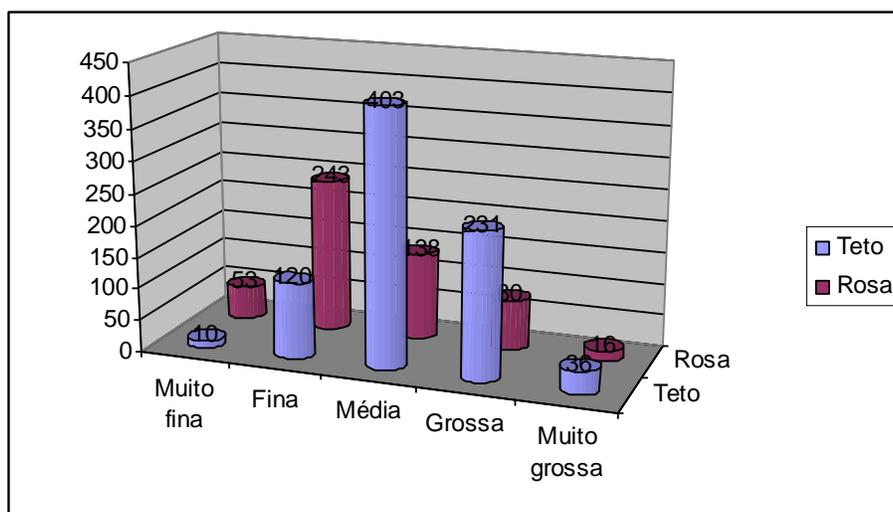


Gráfico 2 – Sítio dos Teto – Espessura

Tabela 2 – Espessura

	Muito fina		Fina		Média		Grossa		Muito Grossa	
	Frag.	%	Frag.	%	Frag.	%	Frag.	%	Frag	%
Teto	10	1	120	15	403	50	231	29	36	5
Rosa	53	10	243	46	138	26	80	15	16	3

Como se pode observar o sítio Rosa apresenta maior parte dos fragmentos com espessura fina e média, enquanto que no sítio dos Teto verifica-se uma proporcionalidade superior das espessuras média e grossa. A discrepância observada, solitariamente não

permite ir muito longe no que concerne às interpretações, mas em conjunto com outras evidências (a própria pasta, o tratamento de superfície e as bordas) contribui na consolidação dos resultados.

4.2.2. Tratamento de Superfície

O atributo *tratamento de superfície* foi observado em todo fragmento cerâmico; no sítio dos Teto e no Rosa foram encontradas três formas de tratamento sendo:

Alisado – Sem nenhum tipo de decoração plástica ou pintura (Figura 21).



Figura 21 – Tratamento de superfície alisado
Fonte: NEPA

Ungulado – Decoração plástica feita com a unha (figura 22)



Figura 22 – Tratamento de superfície ungulado
Fonte: NEPA

Pintado – Aplicação de pigmento a superfície da cerâmica (Figura 23)

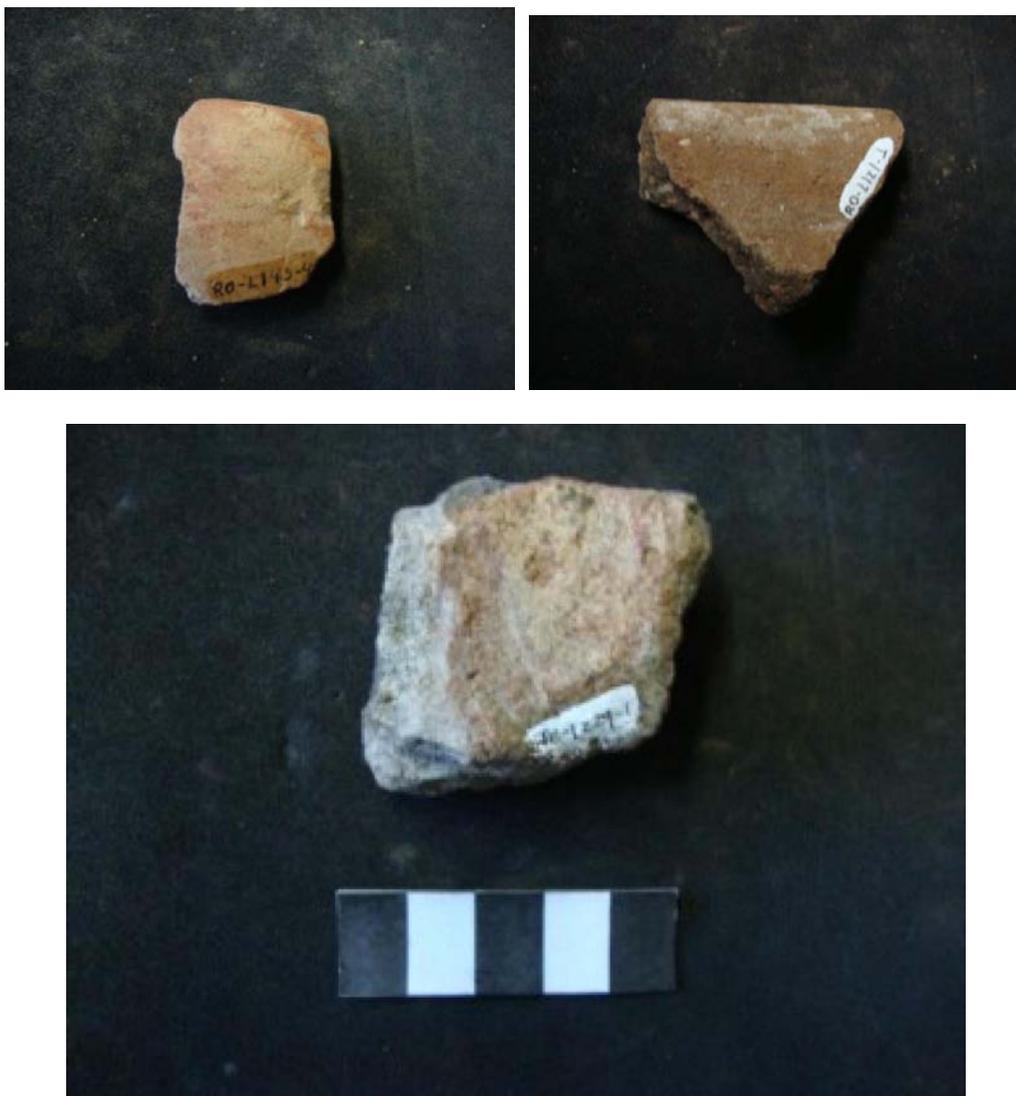


Figura 23 – Tratamento de superfície pintado
Fonte: NEPA

Apesar de que o acervo do sítio dos Teto possui os mesmos tipos de tratamento de superfície encontrados no sítio Rosa, inclusive em proporcionalidade; o material com decoração plástica encontrado no sítio rosa contempla uma única vasilha, possivelmente, associada a um evento carregado de simbologia: um sepultamento. É importante esclarecer que não foram encontrados vestígios ósseos, mas os únicos objetos cerâmicos encontrados inteiros, como já foi citado anteriormente, são duas vasilhas associadas e que baseado na literatura arqueológica (Martin, 1998), pode-se sugerir que estes se tratam de

uma urna funerária e um opérculo, tendo este último a borda unglada. Os materiais com tratamentos plásticos encontrados no sítio dos Teto representam quatro fragmentos que não fazem parte de uma mesma vasilha, levando em conta suas características, ou seja, são de vasilhas diferentes, e conseqüentemente com maior representatividade, reforçando assim a idéia da área compreendida pelo sítio dos Teto ter funcionado como espaço simbólico e para práticas rituais. O gráfico abaixo ilustra essa proporcionalidade:

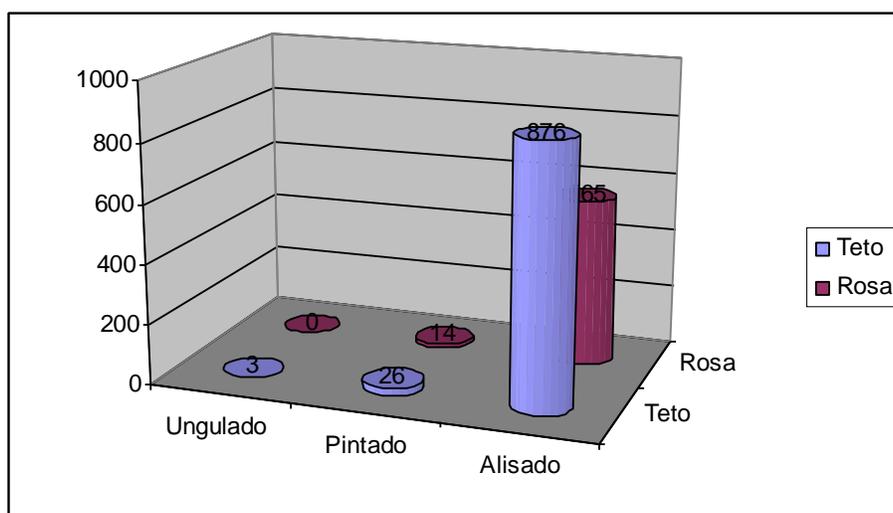


Gráfico 3 – Tratamentos de Superfície

Tabela 3 – Tratamento de superfície

	Ungulado		Pintado		Alisado	
	fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%
Teto	4	1	26	3	876	97
Rosa	0	0	14	2	565	98

4.2.3 Borda

No acervo pertencente ao sítio dos Teto encontram-se 43 bordas, já no do sítio Rosa encontram-se 73 bordas, estas foram classificadas por corpo e lábio. A classificação tomou como referência PRONAPA (1969). As bordas foram observadas a partir da configuração de suas pastas. Os tipos de corpo de bordas encontrados nos sítios foram três:

Direta – Corpo de borda formado por linhas retas e paralelas. (figura 24)



Figura 24 – Corpo de borda direta
Fonte: NEPA

Reforçada – Corpo de borda com acréscimo de argila próximo ao lábio da vasilha em umas das faces da cerâmica, podendo ser na face interna ou externa (figura 25).

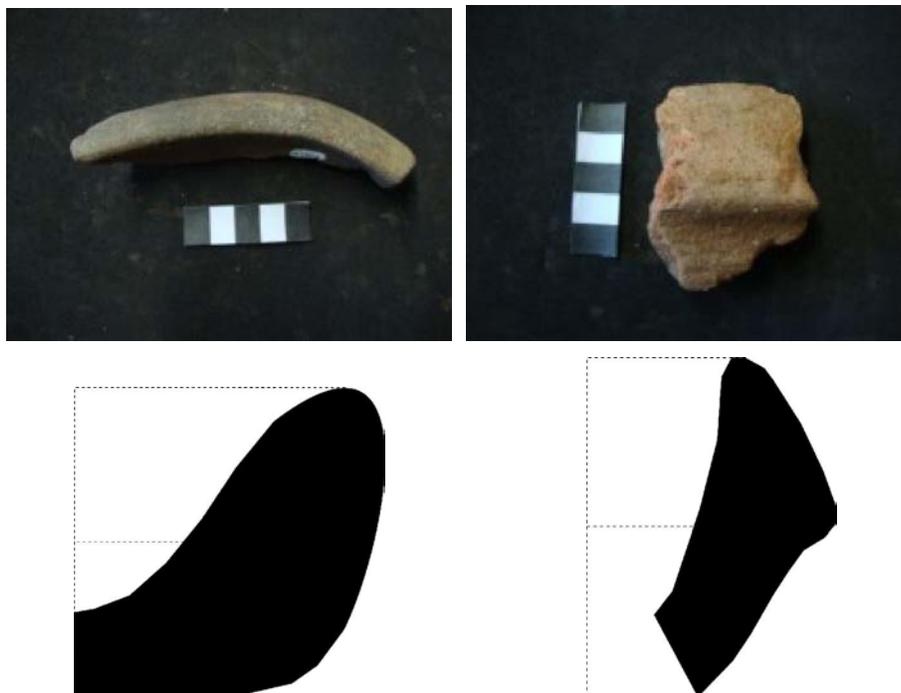


Figura 25 – Corpo de borda reforçada
Fonte: NEPA

Expandida – Corpo de borda que não apresenta acréscimo de argila e que possui um desvio direcional angular (figura 26).



Figura 26 – Corpo de borda expandida
Fonte: NEPA

Tomando como primeiro elemento o corpo, segue nos gráficos abaixo a relação entre pasta e corpo:

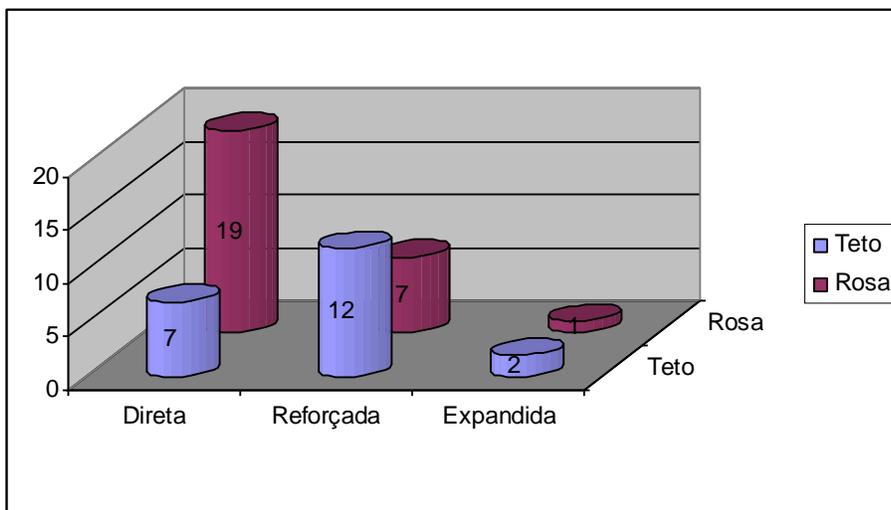


Gráfico 4 – Tipo de corpo de borda Pasta 1

Tabela 4 – Tipo de corpo de borda Pasta 1

	Direta		Reforçada		Expandida	
	fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%
Teto	7	33	12	57	2	10
Rosa	19	70	7	26	1	4

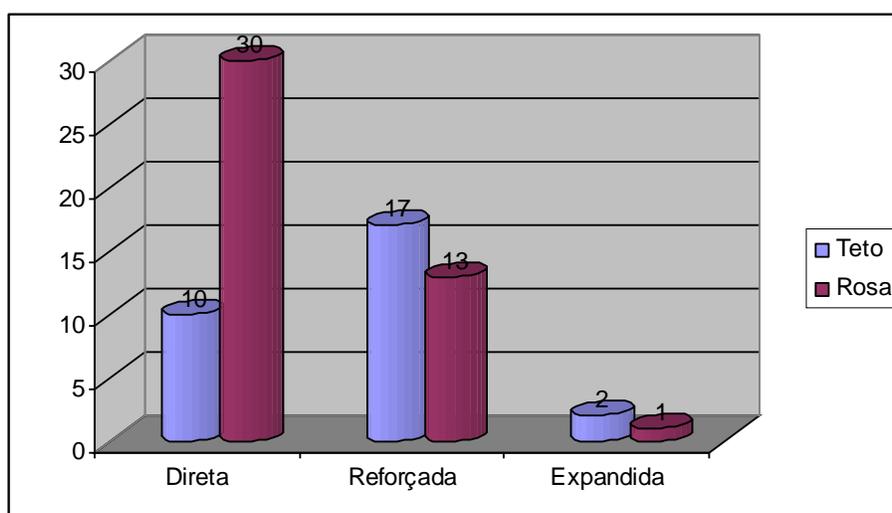


Gráfico 5 – Tipo de corpo de borda Pasta 2

Tabela 5 – Tipo de corpo de borda Pasta 2

	Direta		Reforçada		Expandida	
	fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%
Teto	10	33	17	57	2	10
Rosa	30	34	13	59	1	7

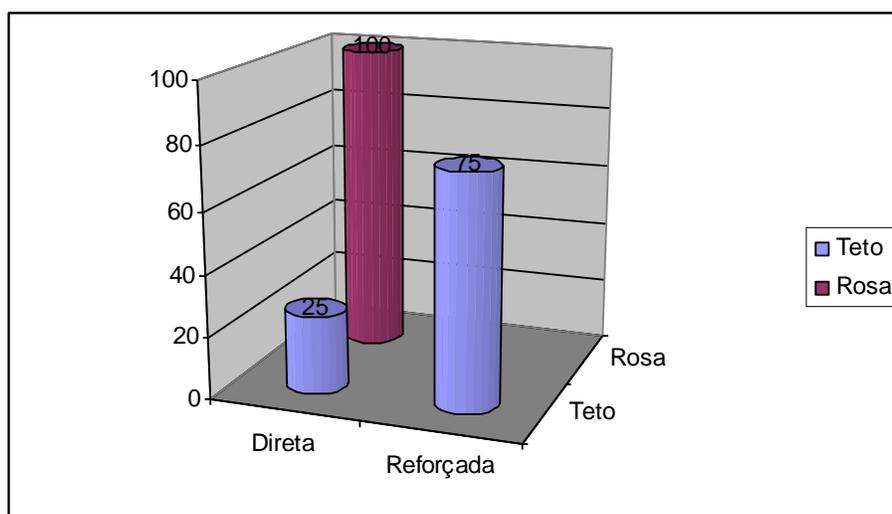


Gráfico 6 – Tipo de corpo de borda Pasta 3

Tabela 6 – Tipo de corpo de borda Pasta 3

	Direta		Reforçada	
	fragmento	%	fragmento	%
Teto	1	25	3	75
Rosa	19	100	0	0

Pode-se perceber que em todas as pastas a borda reforçada predomina no sítio dos Teto em relação aos outros tipos de bordas. O sítio Rosa, por outro lado, possui em seu acervo bordas, em sua maioria, diretas. Considerando que as bordas diretas não exigem maiores cuidados na sua confecção, é relevante ressaltar a intencionalidade e a

apreciação de um elemento que, aparentemente, não se configura como essencial a uma vasilha.

Alguns autores colocam o reforço da borda como elemento emblemático que busca reafirmar aspectos de identidade cultural. O presente trabalho não pretende resumir a relação entre bordas reforçadas e o sagrado, mas considerá-la como um aspecto complexo que reunido com outras evidências possam sugerir caminhos a interpretação.

O segundo elemento observado nas bordas foi o **lábio**. As bordas que possuem corpo reforçado e expandido apresentam lábios arredondados, apenas a de corpo direto é que possui uma diversidade neste item:

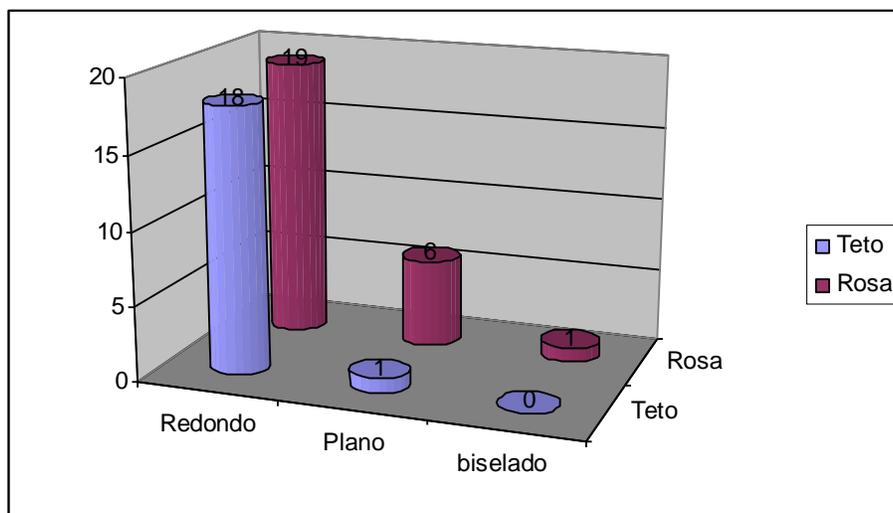


Gráfico 7 – Tipo de lábio de borda Pasta 1

Tabela 7 – Tipo de lábio de borda Pasta 1

	Redondo		Plano		Biselado	
	fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%
Teto	18	95	1	5	0	0
Rosa	19	71	6	22	1	7

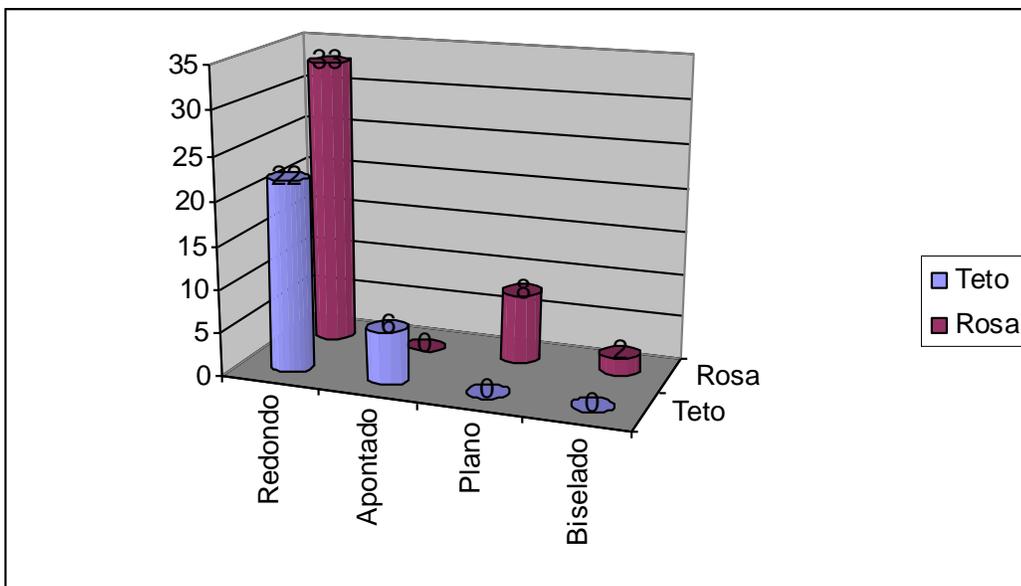


Gráfico 8 – Tipo de lábio de borda Pasta 2

Tabela 8 – Tipo de lábio de borda Pasta 2

	Redondo		Apontado		Plano		Biselado	
	Fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%	fragmento	%
Teto	22	79	6	21	0	0	0	0
Rosa	33	76	0	0	8	19	2	5

O tipo de lábio pasta 3, em ambos os sítios, era em sua totalidade redondo, por isso não se faz necessário um gráfico. Como pode-se perceber, existem semelhanças no material arqueológico dos dois sítios, em alguns aspectos, porém, há também diferenças interessantes. Dando sequência ao trabalho, os resultados serão discutidos e interpretados.

2.3 Síntese da análise

Os sítios dos Tetos e Rosa, enquanto frutos da ocupação de um único grupo social, foram gerados pela realização de atividades distintas e interligadas, exercendo funções diferenciadas, mas necessárias ao mesmo.

Apesar de ainda não ter sido estabelecida uma cronologia através de datações absolutas para os dois sítios, pode-se aceitar – mediante datação relativa estabelecida a partir da semelhança da configuração do material cerâmico e devido a similaridade e a recorrência do mesmo tipo de pasta nos dois sítios – que esses sejam contemporâneos.

A partir dos resultados obtidos, verifica-se uma maior homogeneidade de elementos presentes no sítio dos Teto, a cerâmica, em comparação com o Rosa que apresenta material lítico polido e lascado em seu acervo. O material arqueológico apresentado pelo sítio dos Teto é constituído em sua maioria por uma cerâmica com espessura de média a grossa, com bordas reforçadas e tratamento de superfície alisado, mas apresentando também o tratamento ungulado e com incisão nas bordas. Considerando-se as vasilhas encontradas com urna e opérculo e que este apresentava tratamento inciso nas bordas; pode-se sugerir que o tratamento ungulado ou inciso pode ter alguma relação com atividades ritualísticas.

Tomando como fundamentação diversos elementos que remetem o sítio dos Teto à uma área de atividade limitada e o sítio Rosa a um local mais diversificado, pode-se concluir que a hipótese proposta não pode ser descartada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proximidade entre os sítios Rosa e dos Teto, levando em consideração que ambos apresentam uma mesma tecnologia na fabricação da cerâmica, permite postular que estes sítios, enquanto espaços funcionais, foram utilizados por um mesmo grupo social. Sendo assim faz-se necessário a elaboração de algumas considerações sobre essa ocupação humana.

A respeito da natureza da utilização dos espaços identificados arqueologicamente como sítio Rosa e dos Tetos, pode-se considerar que ambos foram utilizados para funções distintas, entretanto, devido ao grau de conservação apresentado pelas evidências analisadas não foi possível atribuir o papel, na organização social desse grupo, de cada subsistema; pois a diferença encontrada nos atributos não foi suficientemente diagnóstica.

Entretanto a arqueologia não pode mais limitar-se ao estudo do artefato ou da cultura material, pois ela apresenta um alcance bem maior. Segundo Daniel (1975, apud TRIGGER 2004), “a arqueologia não pode mais se restringir aos estudos dos vestígios materiais, isso equivaleria a cultivar um novo antiquarianismo”. O presente trabalho utilizou-se de outras fontes, como trabalhos etnográficos, para viabilizar uma interpretação do contexto arqueológico apresentado pelos dois sítios. As relações entre separação dos espaços verificados nos trabalhos etnográficos e a localização dos dois sítios refletem uma interpretação plausível do contexto arqueológico estudado.

A localização dos dois sítios e a ligação estabelecida através da cerâmica permite debater o conceito de “complexo situacional de sítios” de Binford (1994: 125-126 apud DIAS, 2003), sugerindo-se que os sítios trabalhados formam esse complexo, tendo em vista não só a proximidade, mas também a tecnologia evidenciada na cerâmica analisada. Com esse mesmo argumento, pode-se sugerir uma cronologia única para ambos. Os elementos observados, apesar de estarem em proporções diferentes em cada sítio, estão, em sua maioria, representados nos dois sítios.

No tocante ao conceito de “sítio de atividade limitada” de Plog e Hill (1971:13, apud DIAS, 2003) devidamente adequado, foi possível observar que, considerando sua homogeneidade, o sítio dos Teto apresenta características que remetam a esse conceito. O

sítio Rosa, por sua vez, não apresentou indicativos de ser um “sítio de atividade limitada”, mas, em trabalhos futuros, com a ampliação dos trabalhos de escavação desse sítio, poderá se chegar a dados suficientes para delimitá-lo acerca desse conceito ou não.

Na comparação dos elementos analisados na cerâmica entre os dois sítios, percebe-se uma diferenciação que permite sugerir que os sítios foram constituídos a partir de tipos de atividades distintas. Sendo assim, apesar da não discriminação dos sítios, enquanto espaço funcional identificado, pode-se considerar que a hipótese proposta ainda é válida e que sua utilização na construção de interpretações para outros contextos arqueológicos. é plausível.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Jorge de. *Para uma conciliação das Arqueologias*. Porto: Edições Afrontamentos, 1996.

ALBUQUERQUE, Marcos. *Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica*. **Clio Arqueológica**, v.6, n. 15. Recife, 1984. (pp. 109-112)

_____. *Contato euro-indígena no nordeste do Brasil: um estudo arqueológico*. Recife: Dissertação de Mestrado em História da UFPE, 1984. (154 p.)

_____. *Horticultores pré-históricos do Nordeste*. Belo Horizonte: Arquivos do Museu de História Natural, 1984. (pp. 131-134)

ALBUQUERQUE, Marcos; ALVES, Cleonice. *O sítio arqueológico Quipapá (PE79-Plm): contribuição ao estudo da Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil*. In: Boletim do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco - Série Arqueologia. Recife, 1983. (pp. 54-121)

ALLEN, Scott Joseph. . *Os desafios da arqueologia de Palmares*. In: Gomes, F.. (Org.). *Mocambos de Palmares : histórias e fontes (Séc. XVI-XIX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 119-130.

_____. *Valorização do Sítio Histórico Nacional da Serra da Barriga*. Arqueologia Pública e Museologia em União dos Palmares. Projeto aprovado pelo CFDD SDE/MJ – Arquivo do NEPA/UFAL, 2007.

_____. *O resgate de Palmares: preservação e estudo do patrimônio arqueológico da Serra da Barriga*. Maceió, 2006a, 87 p. Relatório semestral (abril a outubro de 2006).

_____. *O resgate de Palmares: preservação e estudo do patrimônio arqueológico da Serra da Barriga*. Maceió, fevereiro de 2006b, 9 p. Relatório final.

_____. *As Vozes do passado e do presente*. Arqueologia, política Cultural e público na Serra da Barriga. In: **CLIO** – Série arqueológica, n. 20 vol. 1. UFPE, 2006c, p 81-101.

_____. *O resgate de Palmares: preservação e estudo do patrimônio arqueológico da Serra da Barriga*. Maceió, 2005, 21 p. Relatório semestral (março a setembro de 2005).

_____. *Zumbi Nunca Vai Morrer*. History, Race Politics, and the Practice of Archaeology in Brazil. Ann Arbor: UMI Press, 2001.

_____. *Identidades em Jogo*. Negros, Índios e a Arqueologia da Serra da Barriga. In L. de Almeida, M. Galindo and J. Elias (eds.) *Índios do Nordeste*. Temas e Problemas 2. Maceió: EDUFAL, 2001. (pp. 245-275)

_____. *Archaeology and Ethnogenesis: Preliminary Directions in the Archaeology of Palmares*. Revista de História da Arte e Arqueologia 3, 2000.

_____. *A Cultural Mosaic at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a Seventeenth-Century Brazilian Quilombo*. In: Cultura Material e Arqueologia Histórica. P. P. A. Funari (org.) Campinas: IFCH, 1998. (pp. 141-178)

ANTUNES, Cloves. *Wakona-Kariri-Xukuru*. aspectos sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas. Maceió: UFAL, 1973.

BATE, Luís Felipe. *El proceso de investigación en Arqueología*. Barcelona: Crítica, 1998.

BICHO, Nuno Ferreira. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BINFORD, Lewis R. *Smudge Pits and Hide Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning*. In: American Antiquity, vol. 32, nº. 1. Society for American Archaeology, 1967. (pp. 01-12)

CHMYZ, I. *et. al. Terminologia Arqueológica brasileira para a cerâmica*. In: Cadernos de Arqueologia. Museu de Arqueologia e Artes Populares, Ano 1, n. 1. Paranaguá: UFPR, 1976. (pp. 119-148)

CPRM, *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento Por Água Subterrânea: Diagnóstico do Município de União dos Palmares, Estado de Alagoas*. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005..

DIAS, Adriana Schmidt. *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para Uma Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul* (Tese Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

DIAS *et al. O Discurso do Fragmento: Sócio-Cosmologia e Alteridade na Cerâmica Guarani Pré-Colonial* In Espaço Ameríndio, v 2, n 2. Porto Alegre: UFRGS, 2008

DUNNELL, Robert. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERNANDES, Henry. *Os Sepultamentos do Sítio Aratú de Piragiba-BA*. (Dissertação). Salvador: UFBA, 2003.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato arte e cultura, 1989

LESSA, Rodrigo. Os Grupos Ceramista da Serra da Barriga: caracterização da tecnologia cerâmica no Contexto da Tradição Aratú. (Dissertação). Recife: UFPE, 2010.

LEWIS-WILLIAMS, J. D. *Wrestling with Analogy: a methodological dilemma in upper palaeolithic art research*. In: Prehistoric Society, 57, part I, 1991. (pp. 149-162)

- LUNA, Suely. *As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil*. 294f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, Recife, 2001.
- _____. *As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no nordeste do Brasil*. Canindé, Xingó, n. 8, dezembro de 2006. (pp. 167-207)
- LUNA, S. C. A.; NASCIMENTO, Ana . *Estudo da Cerâmica Arqueológica dos Sítios São José 1 e 2 (Delmiro Gouveia - AL)*. 1. ed. v. 1. Aracaju: UFS, 2000. (55 p.)
- MAFRA, Fábio. *Marim dos Caetés: caracterização histórico-arqueológica do sítio do Campo, Paulista - PE (século XVII e XVIII) - Brasil*. 204f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Conservação do Patrimônio. Recife: UFPE, 2005.
- MARTÍN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: UFPE, 1998.
- MARTINEZ, Victor. *Teoría e Método de la Arqueología*. Madrid: Editorial Síntesis, 1990.
- MOTA C. N. *Os Filhos da Jurema na Floresta dos Espíritos: ritual e cura entre dois grupos indígenas do nordeste brasileiro* – Tradutores: Clarice Novais da Mota, Marcelo Rangel. Maceió: EDUFAL, 1997.
- MOTA, C. N. & BARROS, J.F.P. de. O Complexo da Jurema: representações e drama social negro-indígena. In: *As muitas Faces da Jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*, (org). Recife: NUPEEA, 2006.
- NOELI, Francisco da Silva. *José Proenza Brochado, Vida Acadêmica e a Arqueologia Tupíin: Os Ceramistas Tupigarrani*. Prous & Lima (org). Belo Horizonte: Sigma, 2008. p. 17-48.
- OLIVEIRA, Cláudia A. de. *Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí* 302f. (Tese Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- ORSER JÚNIOR, Charles. *Introducción a la Arqueología Histórica*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología, 2000.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, Brasil: Fundação Universidade de Brasília, 1993.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira : as culturas indígenas*. Rio de Janeiro: CEB/Guanabara, 1971. (Coleção Arthur Ramos, 2).
- RENFREW, C. & BAHN, P. *Arqueología*. Teorías, Métodos y Práctica. Madri: Ediciones Akal, 1998.
- RODRIGUES, Robson A. & AFONSO, Marisa. *Um Olhar Etnoarqueológico Para a Ocupação Guarani no Estado de São Paulo*. In: Horizontes Antropológicos, Ano 8, n. 18. Porto Alegre: PPGAS, 2002. (pp. 155-173)

SACKETT, James E. *Style and Ethnicity In Arqueologia: the Case for isochretism*. In: Conkey and C. Hastorf, *The Uses of Style in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. (pp. 32 – 43)

SHIFFER, Michael, B. *The Structure of The Archaeological Theory*. In: *American Antiquity*, vol. 53, nº. 3. Society for American Archaeology, 1988. (pp. 461-485).

SILVA, Fabiola Andréa. *Mito e Arqueologia: A Interpretação dos Asurini do Xingu Sobre os Vestígios Arqueológicos Encontrados no Parque Indígena Kuatinemu - Pará* In: *Horizontes Antropológicos*, Ano 8, n. 18. Porto Alegre: PPGAS, 2002 p 175 – 186

SILVA, Leandro S. C. de Oliveira. *Permanência e continuidade: grupos ceramistas pré-históricos na área do Parque Nacional Serra da Capivara - Piauí*. 137f. (Dissertação – Mestrado em Arqueologia). Recife: UFPE, 2006.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Coleção Reconquista do Brasil, v. 221. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

TEIXEIRA, TOLEDO, FAIRCHILD E TAIOLI. *Decifrando a Terra*. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

TRIGGER, Bruce. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.